



Campus Universitário de Almada
Escola Superior de Educação Jean Piaget

Ana Catarina Nunes Pires

A Importância das Artes/Expressões no Desenvolvimento e Aprendizagem da Criança

Relatório Final da Prática de Ensino Supervisionada

Mestrado em Educação Pré-Escolar e Ensino do 1.º Ciclo do Ensino Básico

Orientador: Doutora Ana Cristina Cruz Gonçalves

Almada, 2020



Campus Universitário de Almada
Escola Superior de Educação Jean Piaget

Ana Catarina Nunes Pires

A Importância das Artes/Expressões no Desenvolvimento e Aprendizagem da Criança

Relatório Final da Prática de Ensino Supervisionada

Apresentado com vista à obtenção do grau de Mestre em Educação Pré-Escolar e Ensino do 1.º Ciclo do Ensino Básico (2.º ciclo de estudos), ao abrigo do Despacho n.º 1105/2010 (Diário da República, 2.ª série – n.º 10 - 15 de janeiro de 2010).

Orientador: Doutora Ana Cristina Cruz Gonçalves

Almada, abril de 2020

“Ninguém escapa ao sonho de voar, de ultrapassar os limites do espaço onde nasceu, de ver novos lugares e novas gentes. Mas saber ver em cada coisa, em cada pessoa, aquele algo que a define como especial, um objeto singular, um amigo, é fundamental. Navegar é preciso, reconhecer o valor das coisas e das pessoas, é mais preciso ainda.”

Antoine de Saint-Exupéry

Agradecimentos

Fazendo um balanço final de todo este percurso, não posso deixar de agradecer a algumas pessoas que se tornaram imprescindíveis.

Primeiramente, quero agradecer aos meus pais, que sempre acreditaram em mim e me apoiaram incondicionalmente, fazendo o possível e o impossível para que esta etapa se concretizasse com sucesso.

Às minhas colegas e amigas de curso, muitos foram os momentos partilhados, quer de desespero, quer de sorrisos e brincadeiras. Sobretudo uma partilha de pequenas e grandes conquistas com muita emoção à mistura. A caminhada foi longa, mas juntas conseguimos!

Às minhas melhores amigas, por estarem sempre comigo nos bons e maus momentos, obrigada por todo o apoio e por todas as loucuras. Sem vocês do meu lado não seria a mesma coisa.

A todos os docentes da Escola Superior de Educação Jean Piaget de Almada com quem tive o prazer de me cruzar e de aprender. Obrigada por todos os ensinamentos, por todas as palavras amigas, por me fazerem sair da caixa, descobrir novos horizontes e ver para além daquilo que é possível. Obrigada por todo o carinho e por todo o apoio!

Por fim, quero agradecer a todas as crianças com as quais tive a oportunidade de partilhar o melhor de mim. Obrigada por me lembrarem constantemente que esta é a minha verdadeira paixão.

Resumo

O presente relatório final tem como principal objetivo entender qual a importância e a influência que as artes/expressões, em especial, a expressão plástica possuem no desenvolvimento e aprendizagem da criança.

Começa por apresentar uma breve caracterização das Práticas de Ensino Supervisionadas realizadas no Mestrado em Educação Pré-Escolar e Ensino do 1.º Ciclo do Ensino Básico, de onde surgiu o tema do presente relatório.

Para dar resposta ao objetivo principal da investigação, recorreu-se a uma metodologia qualitativa. Os dados foram recolhidos através da observação participante e de entrevistas, realizadas a três professores do 1.º Ciclo do Ensino Básico e a uma artista plástica, também ela professora do 3.º Ciclo do Ensino Básico e do secundário.

Através dos procedimentos selecionados e da análise dos resultados, é possível concluir que as artes/expressões, em especial, a expressão plástica, têm um grande impacto no desenvolvimento e na aprendizagem das crianças a todos os níveis, nomeadamente nos domínios cognitivo, socio-emocional e artístico.

Palavras-chave: artes; expressões; expressão plástica; desenvolvimento; aprendizagem; crianças.

Abstract

The main goal of this final report is to understand the importance and influence that arts/expressions, especially plastic expression, have on children's development and learning.

It begins by presenting a brief description of the Supervised Teaching Practices carried out in the Masters Degree in Early Childhood and Basic Education, from where the theme of this report arose.

To respond to the main goal of the investigation, a qualitative methodology was used. The data were collected through participant observation and interviews, carried out with three teachers of the primary school and with an artist, who is also a teacher in basic education and high school.

Through the selected procedures and the analysis of the results, it is possible to conclude that the arts/expressions, especially plastic expression, have a great impact on the development and learning of children at all levels, namely in the cognitive, socio-emotional and artistic domains.

Key words: art; expressions; plastic expression; development; learning; children.

Abreviaturas

CEB – Ciclo do Ensino Básico

PES – Prática de Ensino Supervisionada

IPSS – Instituição Particular de Solidariedade Social

NEE – Necessidades Educativas Especiais

Índice Geral

Agradecimentos.....	IV
Resumo.....	VI
Abstract	VIII
Abreviaturas	X
Índice Geral.....	XII
Índice de Anexos.....	XIV
Índice de Apêndices	XIV
Índice de Tabelas.....	XV
Introdução.....	1
PARTE I – Prática Profissional em contexto de Pré-Escolar e 1.º Ciclo do Ensino Básico	5
1. Contextualização da Prática Profissional	5
2. Caracterização das Entidades Cooperantes	9
2.1. Prática de Ensino Supervisionada em Educação Pré-Escolar	9
2.1.1. Caracterização da instituição.....	9
2.1.2. Caracterização do grupo.....	10
2.2. Prática de Ensino Supervisionada no 1.º Ciclo do Ensino Básico.....	13
2.2.1. Caracterização da instituição.....	13
2.2.2. Caracterização do grupo.....	14
3. Desenvolvimento da prática profissional	17
3.1. O contributo do estágio para a prática profissional	17
3.2. Problematização da questão de partida / do tema a partir da prática.....	19
PARTE II – Estudo Empírico.....	21
1. Enquadramento Teórico / Definição de Conceitos	21
1.1. Educação e Arte.....	21
1.2. A Educação Artística e o Desenvolvimento de Competências Individuais.....	25
1.2.1. A Imaginação e a Atividade Criadora	28
1.3. A Educação Artística na Educação Pré-Escolar e no Ensino do 1.º Ciclo do Ensino Básico	30
1.4. A Expressão Plástica no 1.º Ciclo do Ensino Básico.....	32
2. Objeto de Estudo	35
3. Métodos e Procedimentos	37
3.1. Metodologia.....	37
3.2. Técnicas e Instrumentos de Recolha de Dados	39

3.2.1. Observação participante	40
3.2.2. Entrevistas	41
4. Apresentação, Análise e Discussão dos Resultados	43
4.1. Análise de Conteúdo das Entrevistas	43
4.2. Discussão dos Resultados	65
Considerações Finais	73
Bibliografia.....	77
Anexos.....	81
Apêndices	87

Índice de Anexos

Anexo I - Declaração de autorização de depósito no repositório comum.....	83
Anexo II - Licença de distribuição não exclusiva - repositório comum	85

Índice de Apêndices

Apêndice A - Guião da Entrevista aos Professores de 1.º Ciclo do Ensino Básico	89
Apêndice B - Transcrição do Discurso I	91
Apêndice C - Transcrição do Discurso II.....	97
Apêndice D - Transcrição do Discurso III	103
Apêndice E - Transcrição do Discurso IV	109

Índice de Tabelas

Tabela 1 - Discurso I	46
Tabela 2 - Discurso II.....	51
Tabela 3 - Discurso III	58
Tabela 4 - Discurso IV	63
Tabela 5 - Convergências nos discursos	66
Tabela 6 - Correspondência entre os objetivos e as questões da entrevista	67
Tabela 7 - Conclusões retiradas das evidências dos discursos tendo em conta os objetivos da investigação.....	69

Introdução

A elaboração do presente relatório final surge como forma de obtenção do grau de Mestre em Educação Pré-Escolar e Ensino do 1.º Ciclo do Ensino Básico (CEB), na Escola Superior de Educação Jean Piaget de Almada, sob a orientação da professora Doutora Ana Cristina Gonçalves.

Escolher um tema sobre o qual realizar um projeto de investigação não é tarefa fácil. Por isso mesmo, essa escolha passou por um processo de constante formulação e reformulação. Os objetivos delineados inicialmente foram substituídos por novos. Contudo, após um período de grande indecisão, fez sentido manter a base do tema escolhido inicialmente: o universo da educação artística, o valor das expressões no desenvolvimento e na aprendizagem das crianças, atribuindo especial destaque à expressão plástica.

Quando a Prática de Ensino Supervisionada (PES) em Educação Pré-Escolar foi iniciada, uma realidade totalmente diferente do comum emergiu, pois tratava-se de uma escola que sustenta a sua prática na pedagogia Waldorf, regendo-se pelos princípios e valores defendidos por Rudolf Steiner.

A pedagogia Waldorf centra-se maioritariamente nos desenvolvimentos motor, sensorial, espiritual e artístico da criança, deixando para segundo plano os aspetos intelectual e cognitivo. Steiner acreditava que a aprendizagem cognitivo-intelectual não deveria ser predominante em relação às matérias artísticas, criativas e artesanais. Assim sendo, a pedagogia Waldorf é uma pedagogia que valoriza bastante as artes. Segundo Carlgren & Klingborg (2014), “arte é criação, tanto no mundo das coisas, como no reino da alma.” (p. 48). Como tal, o próprio ambiente que se vivia em sala era todo ele muito artístico, além de todas as dinâmicas que faziam parte do ritmo diário das crianças. A arte manifestava-se de uma forma omnipresente, fazendo parte da vida diária das crianças.

Ao chegar à PES no 1.º Ciclo do Ensino Básico, ainda com o deslumbramento do estágio anterior, constatou-se que a metodologia a ser utilizada era maioritariamente tradicional, sendo que as artes/expressões não eram devidamente trabalhadas e valorizadas, exceto nas horas dedicadas às áreas de expressão, lecionadas por outros professores. Surgiu, então, a necessidade de se explorar esse campo, nascendo assim o tema do presente relatório final: *A Importância das Artes/Expressões no Desenvolvimento e Aprendizagem da Criança*.

Os principais objetivos deste projeto de investigação consistem, em primeiro lugar, em compreender qual a importância e a influência que as artes/expressões, em especial, a expressão plástica têm no desenvolvimento e na aprendizagem da criança. Em segundo lugar, perceber a valorização que lhes é atribuída pelo professor de 1.º CEB na implementação da sua metodologia e relativamente às outras áreas curriculares (Português, Matemática e Estudo do Meio).

A investigação desenvolvida insere-se numa metodologia qualitativa, tendo como objetivo obter dados descritivos. Segundo Bogdan & Biklen (2013),

a abordagem da investigação qualitativa exige que o mundo seja examinado com a ideia de que nada é trivial, que tudo tem potencial para constituir uma pista que nos permita estabelecer uma compreensão mais esclarecedora do nosso objeto de estudo (p. 49).

Para tal, recorreu-se a técnicas e instrumentos de recolha de dados que privilegiassem uma abordagem qualitativa, de modo a facilitar a investigação. Tendo sido selecionadas a observação participante e a entrevista. Da aplicação dos diferentes instrumentos, e do recurso à recolha de informação durante as entrevistas, resultou um quadro concetual que permitiu estabelecer uma avaliação exploratória, definindo uma linha de coerência entre os indivíduos.

O presente relatório final encontra-se estruturado em duas partes. Na primeira parte – Prática Profissional em contexto de Pré-Escolar e 1.º Ciclo do Ensino Básico, é elaborada uma contextualização da prática profissional, onde reflito acerca dos princípios e metodologias que sustentarão a minha futura prática pedagógica, bem como os ideais com que mais me identifico. É realizada uma caracterização das entidades cooperantes onde decorreram as minhas PES em Educação Pré-Escolar e no 1.º CEB e também dos grupos de crianças. Por último, mencionarei ainda, de uma forma breve, questões relacionadas com o projeto de intervenção implementado na PES no 1.º CEB, que se revelam pertinentes para a compreensão do tema escolhido.

A segunda parte – Estudo Empírico – inclui um enquadramento teórico, onde são explicitados conceitos fundamentais relacionados com o tema. Partiu-se de tópicos mais gerais, para chegar a outros mais específicos. O objeto de estudo é apresentado, bem como os objetivos da investigação; os métodos e o procedimento utilizados, mencionando as técnicas e os instrumentos selecionados na recolha de dados. Os dados recolhidos serão apresentados, analisados e discutidos, de modo a chegar a uma ou mais conclusões.

O presente relatório termina com uma breve reflexão final acerca da experiência mais marcante que resultou destes estágios. A qualidade da comunicação desenvolvida com as crianças, que se reforça através da construção de uma relação pedagógica saudável, baseada na confiança e no respeito mútuos onde as artes desempenham um papel fundamental.

PARTE I – Prática Profissional em contexto de Pré-Escolar e 1.º Ciclo do Ensino Básico

1. Contextualização da Prática Profissional

Ao longo de todo o percurso académico surgiram oportunidades únicas de vivenciar diferentes contextos de estágio, associados a diferentes realidades, metodologias e pedagogias. Apesar das vantagens e desvantagens encontradas, todas elas foram, sem dúvida, fundamentais para que ocorresse um crescimento quer a nível profissional como pessoal.

É importante referir que a forma de encarar o papel do educador/professor na vida de cada criança também se foi alterando ao longo do tempo e se encontra em constante aperfeiçoamento.

O educador/professor deve ser uma pessoa atenta e preocupada, estando alerta ao desenvolvimento e desempenho de cada criança, garantindo a participação ativa e efetiva e o envolvimento de todas elas. Além disso, o educador/professor deve possuir certos valores que se revelam essenciais para compreender as necessidades das crianças que tem à sua frente, tais como, humildade, sensibilidade, empatia, dedicação e sobretudo amor à profissão.

Concordando com as sábias palavras da argentina Patricia Stokoe (1967), “quanta humildade necessitamos quando nos dirigimos à criança com nossas pretensões de ensiná-la.” (p. 12). Também Read (1958, citado por Sousa, 2017) afirma que “o professor deve ser a mais modesta e humilde das pessoas, capaz de ver nas crianças um milagre de Deus e não uma coisa a instruir” (p. 27).

Piaget e Vygotsky provaram que a aprendizagem significativa e efetiva não é algo imediato e automático, mas sim algo que leva tempo e que respeita uma sequência lógica à medida que a criança vai crescendo. Através de novas experiências e de nova informação, a criança vai desenvolvendo o seu pensamento e a aprendizagem vai sendo construída e assimilada gradualmente, como resultado da interação com o ambiente e com outras pessoas. Concluíram também que a aprendizagem só acontece quando o aluno se encontra pronto e se sente motivado, fazendo com que interiorize somente aquilo que compreende e que lhe faz sentido.

Como afirma Dewey (2007), “a educação é uma constante reorganização ou reconstrução da experiência” (p. 79). Posto isto, para que a aprendizagem seja de facto significativa para a criança, faz todo o sentido falar em metodologias ativas, que lhe permitam

experimental e envolver-se verdadeiramente no seu próprio processo de aprendizagem. Já dizia um antigo provérbio chinês “ouço e esqueço; vejo, e me lembro; faço e compreendo”. Portanto, é necessário fazer para se compreender o que se faz.

Morais & Medeiros (2007) dizem-nos que se trata de “otimizar o trabalho pedagógico para que os alunos assumam, cada vez mais, um papel muito ativo nas suas aprendizagens, através do trabalho autónomo e colaborativo, de forma a construir um conhecimento que é, ao mesmo tempo, consistente e flexível.” (p. 34). Destacam-nos tanto a importância da realização de um trabalho autónomo como em colaboração com o outro. Deste modo, estar-se-á a construir conhecimento de forma significativa.

Borko & Putnam (1995, p. 39, citados por Moraes & Medeiros, 2007) apoiam Piaget e Vygotsky quando dizem que “o ensino é visto não na forma simplista da apresentação direta do conhecimento para ser aprendido, mas enquanto criação de condições nas quais os alunos podem construir a sua própria compreensão” (p. 35).

Para que tudo faça sentido, para que se proporcione um “bom ensino”, torna-se essencial referir a importância da existência de uma boa relação pedagógica entre a criança e o Educador. Fazendo regra as palavras de Read (1982), tão antigas, mas ao mesmo tempo tão atuais, “o bom ensino depende essencialmente do desenvolvimento de uma relação de mútua confiança entre o professor e o aluno” (p. 284). Relação essa que vai sendo construída ao longo do tempo.

Ao pensar na escola ideal, não se pode deixar de pensar num lugar onde a arte esteja presente, onde participe no dia a dia das crianças, onde seja considerada tão importante como qualquer outra área curricular. De acordo com Kügelgen (1984), “as atividades artísticas não devem processar-se à margem dos estudos; devem constituir, pelo contrário, o próprio coração do trabalho escolar.” (p. 63).

Adotando a visão de uma professora, que em tempos lecionou numa escola em Hennepin County, Minnesota, acerca da presença da arte na vida diária das crianças, esta professora diz-nos que

As crianças aprendem a ter consciência da beleza inerente a toda a matéria. Procuram tornar o seu meio mais belo. Aceitam louvores pelo mérito artístico do seu trabalho escolar tão naturalmente como os aceitam pela sua expressão verbal. (...) Dão expressão à sua imaginação quer individualmente quer em grupo. (...) aprendem a subordinar os seus desejos egoístas aos objectivos do grupo. Desenvolvem interesses pessoais e passatempos. (...) Existe um equilíbrio natural entre o trabalho destinado a encorajar a

expressão própria de cada um e as oportunidades para se fazerem escolhas artísticas. Todo o trabalho tem origem na criança. (...) explora-se, sim, o trabalho criador para o desenvolvimento das imagens mentais (Read, 1982, pp. 287-288).

Posto isto, torna-se importante afirmar que a metodologia/pedagogia perfeita ou ideal não existe. Acredita-se, antes, no poder que cada educador/professor tem para unir os traços mais relevantes de cada uma delas e adaptá-los à sua forma de ser e de estar perante a individualidade de cada criança. É que a mesma metodologia/pedagogia pode ser interpretada e praticada de diferentes formas, dependendo do adulto responsável.

Assim, acredita-se numa educação o mais humanitária possível! Valor cada vez mais necessário, atendendo à sociedade atual, onde as tecnologias assumem uma posição de destaque na vida das crianças e dos jovens. Acredita-se numa educação baseada na paz, sustentada no respeito pelo outro e pelo ambiente que nos rodeia. Uma educação que valorize a capacidade de sentir, que reconheça ambas as vertentes emocional e cognitiva.

Acredita-se numa educação onde exista interajuda, trabalho em equipa. Uma educação onde se eduque através do exemplo. Uma educação pelas e através das artes. Uma educação que permita à criança ser autónoma, orientando-a sempre que necessário e da melhor forma possível. Uma educação que valorize os conhecimentos e as capacidades que estão já inerentes na criança. Tal como para Piaget, a criança não é uma tábua rasa e, por esse motivo, cabe ao educador aproveitar todo o potencial que reside em cada uma delas.

Sobretudo acredita-se em pessoas, porque são elas que têm o poder de mudar o mundo, começando pelo seu mundo e pelo mundo de cada criança ao seu redor.

2. Caracterização das Entidades Cooperantes

2.1. Prática de Ensino Supervisionada em Educação Pré-Escolar

A prática de ensino supervisionada em Educação Pré-Escolar teve início dia 15 de outubro de 2018 e terminou dia 1 de fevereiro de 2019. De forma a cumprir a carga horária total prevista de 300 horas, este estágio decorreu durante os cinco dias da semana, tendo a duração de cinco horas diárias.

2.1.1. Caracterização da instituição

A PES em Educação Pré-Escolar decorreu numa instituição pertencente ao concelho de Vila Franca de Xira, inserido num dos 18 concelhos que constituem a Área Metropolitana de Lisboa.

Trata-se de uma Instituição Particular de Solidariedade Social (IPSS), que sustenta a sua prática pedagógica na pedagogia Waldorf, incluindo as valências de Jardim de Infância e de 1.º e 2.º ciclos do Ensino Básico.

Devido à natureza da pedagogia Waldorf, esta instituição encontra-se em meio rural, contando com a presença de muita vegetação ao seu redor. Está inserida numa quinta que ocupa 3.50 hectares e beneficia de várias zonas naturais, como a horta, o jardim etnobotânico, o pomar, a floresta e a zona húmida com criação de animais.

De acordo com Raab & Klingborg (1983) e indo ao encontro dos objetivos pedagógicos das escolas Waldorf, “a escola é um edifício utilitário que exige uma forma artística” (p. 28). Assim, tanto no exterior como no interior, os ambientes arquitetónicos são trabalhados numa abordagem própria da pedagogia Waldorf, dando especial destaque à luz e à cor. Steiner defendia a importância da arquitetura como arte total, constatando que a beleza e a harmonia dos espaços atuam diretamente no desenvolvimento emocional da criança.

Torna-se pertinente referir que esta pedagogia possui o seu próprio currículo, adaptado ao nível etário de cada “classe”. Ao contrário do que acontece na maioria das escolas, no currículo Waldorf, as atividades artísticas assumem um papel extremamente válido e imprescindível relativamente ao desenvolvimento global da criança, segundo Steiner. Como afirma Lanz (2016), as “matérias artísticas e artesanais não constituem, na Pedagogia Waldorf,

apenas um complemento estetizante; trata-se de disciplinas que recebem a mesma atenção que as demais e são consideradas de igual importância para a formação do jovem.” (p. 135).

Segundo Lanz (2016), as ações do Homem são cada vez mais mecanizadas, devido à constante atualização da tecnologia, o que acaba por ser transmitido às gerações mais novas. Por esse motivo, reforça-se a importância da existência dessas matérias artísticas

que apelam ao sentimento e à ação do aluno: ele tem de fazer algo com as mãos ou outras partes do corpo – tem de criar algo que seja resultado de sua fantasia, usando a vontade, a perseverança, a coordenação psicomotora, o senso estético. Por isso essas matérias têm alto valor pedagógico e terapêutico, quando exercitadas com regularidade. (p. 135).

Devido à importância que a pedagogia Waldorf concede também à natureza e ao meio ambiente, ensinando as crianças a amar e a cuidar dos seres vivos que as rodeiam, existem diversos espaços dentro da escola, que podem ser ocupados tanto pelas crianças como pelos adultos, proporcionando, assim, um permanente contacto com a natureza.

São valorizadas atividades como o subir às árvores; conhecer e brincar com os mais variados elementos da natureza como, por exemplo, pedras, paus, folhas e flores, o mexer na terra e na água, respeitando e cuidando do espaço à sua volta; o tratar da horta e o contacto com os animais da quinta (égua, cães, ovelha e cabra). Além destas, as crianças têm também oportunidade de realizar passeios pela quinta, acompanhadas pelo adulto responsável. Estes tipos de atividades estão presentes, diariamente, no ritmo das crianças.

2.1.2. Caracterização do grupo

A sala Ninho, uma das três salas de pré-escolar existentes no Jardim de Infância, era constituída por dezasseis crianças, onze do género feminino e cinco do género masculino. Uma delas apresentava necessidades educativas especiais.

Uma das crianças possuía nacionalidade brasileira, outras duas possuíam nacionalidades portuguesa e israelita e as restantes tinham nacionalidade portuguesa. Esta era uma sala heterogénea, pois incluía crianças com três, quatro, cinco e seis anos de idade. Oito das dezasseis crianças, as mais velhas, já haviam frequentado esta escola no ano anterior.

Como é de esperar, as crianças encontravam-se em diferentes estádios de desenvolvimento, muito devido à sua faixa etária.

Relativamente a competências linguísticas, todas as crianças de 5 e 6 anos já eram capazes de realizar um discurso coerente, expressando ideias acerca de determinado assunto, à exceção da criança que possuía NEE, que manifestava acentuadas dificuldades ao nível da aquisição da linguagem, emitindo apenas alguns sons. A criança de 4 anos tinha alguma dificuldade em pronunciar certos vocábulos corretamente e apresentava um repertório pobre. Contudo, conseguia exprimir as suas ideias e produzir diálogos. As crianças de três anos estavam, ainda, a desenvolver o seu vocabulário e a aprender a falar corretamente. No geral, eram crianças extremamente curiosas e, por isso mesmo, faziam perguntas frequentemente, especialmente, questionando “porquê?”, o que vai ao encontro do que é esperado neste nível etário, segundo Piaget.

A nível das competências cognitivas, no geral, já todas as crianças, à exceção de uma, sabiam identificar e distinguir cores, bem como as partes do seu corpo. Eram capazes de solucionar problemas simples e de reconhecer situações lógico-matemáticas, pois, frequentemente, em brincadeiras livres, pôde observar-se a forma como organizavam as conchas, pedras, tronquinhos ou pinhas em pequenos grupos e as lojinhas que criavam no recreio exterior, com os elementos separados e em exposição. Possuíam, também, uma grande facilidade em criar diversas brincadeiras em torno do imaginário e do “faz-de-conta”, vestindo-se a rigor para tal. As crianças mais velhas mostravam um desempenho superior nesta área relativamente às mais novas.

Neste contexto de estágio eram utilizadas e valorizadas as mais variadas formas de expressão, entre elas, a musical, a plástica, a dramática, a artística, a motora e a corporal, constituindo ferramentas essenciais para ajudar as crianças a expressar-se e a comunicar entre si. Salienta-se ainda que todas as crianças tinham contacto com estas expressões e as iam experimentando aos poucos e poucos, de uma forma cada vez mais profunda e intensa.

Através da observação realizada durante o estágio, ficou claro que, durante o primeiro septénio (0 aos 7 anos), é dada uma grande importância às competências motoras e psicomotoras nesta pedagogia. Segundo Lanz (2016), “embora de modo inconsciente, a criança pequena é um ser no qual prepondera a vontade. Toda vontade conduz a criança a movimentos.” (p. 44). Seguindo a lógica deste autor, as competências motoras, como o andar, podem afetar diretamente as capacidades de falar e de raciocinar. De acordo com Lanz (2016), “um andar

defeituoso pode ter por consequência defeitos de fala ou de raciocínio; de outro lado, exercícios motores podem corrigir defeitos da fala ou do pensar” (p. 45). Devido ao espaço e à liberdade para desenvolver estas competências, todas as crianças possuíam já uma grande destreza motora, tendo em conta a sua faixa etária.

Por fim, relativamente às competências sociais, todas as crianças estabeleciam uma boa relação tanto com a educadora como com a auxiliar. Na relação entre pares, ficou evidente que surgiam frequentemente alguns conflitos. Os mais novos ainda estavam a aprender a lidar com essas situações e, por isso, requeriam um pouco mais da atenção dos adultos.

No geral, o grupo era bastante autónomo quando se tratava de questões individuais, pois era-lhes dada confiança e liberdade para tomar as suas próprias decisões, como por exemplo, a nível do cuidar do seu corpo e da sua higiene. Existia um cestinho na sala com um jarro e alguns copos tal como um rolo de papel higiénico ou um pacote de lenços disponíveis para que qualquer criança os pudesse utilizar quando precisasse. Todos iam à casa de banho sozinhos quando necessitavam, pedindo sempre autorização primeiro. Estas foram estratégias que se revelaram bastante eficazes para a autonomia das crianças, aumentando, por consequência, a sua autoestima.

A dinâmica positiva que existia na interação do grupo e na partilha de tarefas com o adulto era algo natural na pedagogia Waldorf. As crianças participavam em todas as tarefas em conjunto com os adultos da sala, como por exemplo, ajudar a preparar o lanche da manhã e o almoço, a lavar e a arrumar os materiais depois de os usar (materiais de desgaste e outros). Tarefas como escolher o chá do dia, lavar a fruta, inclusive, por vezes, cortá-la, fazer o pão, pôr a mesa, lavar pincéis, entre muitas outras coisas. É importante referir que todas as tarefas eram orientadas pelo adulto e se faziam com a máxima segurança. Portanto, esta era uma competência muito bem cumprida por parte das crianças, porque quando elas ajudavam a fazer alguma tarefa, elas faziam-no por gosto e não por obrigação.

2.2. Prática de Ensino Supervisionada no 1.º Ciclo do Ensino Básico

A prática de ensino supervisionada no 1.º Ciclo do Ensino Básico iniciou-se dia 11 de março de 2019, tendo terminado dia 14 de junho de 2019. Este estágio ocorreu com uma turma de 4.º ano, que pude acompanhar diariamente durante o período letivo.

2.2.1. Caracterização da instituição

A PES no 1.º Ciclo do Ensino Básico decorreu numa instituição pertencente à freguesia de Alverca do Ribatejo e Sobralinho e ao concelho de Vila Franca de Xira, Lisboa. Esta instituição encontra-se inserida numa Fundação, sendo uma IPSS. Possui uma ampla oferta curricular, que se estende desde a creche até ao 10.º ano de escolaridade do ensino secundário (esta vertente encontrava-se ainda em fase de estruturação).

A Escola é constituída por 12 edifícios: um berçário; seis blocos destinados à creche e ao pré-escolar, incluindo um refeitório; um bloco com quatro pisos para o 1.º ciclo; um bloco anexado ao edifício principal da Escola através de uma passagem aérea, destinado também ao 1.º ciclo; um bloco para o 2.º e 3.º ciclos e secundário¹; um clube de jovens destinado aos ensinos básico e secundário, onde se encontra outro refeitório e um pavilhão para todos.

Além destes edifícios, a Escola usufrui de um espaço exterior que, na sua maioria, é descoberto, possuindo um solo cimentado e alcatroado, à exceção das poucas zonas verdes existentes. Devido ao elevado número de valências que a Escola acolhe, o espaço de recreio do 1.º ciclo, bem como dos restantes ciclos, acaba por ficar reduzido. Existem dois espaços: um deles destinado somente ao 1.º ciclo, que é ocupado no período da manhã, antes do início das aulas e outro que é utilizado durante os intervalos da manhã e a hora de almoço, sendo partilhado com os colegas do 2.º e 3.º ciclos e secundário. O que revela uma evidente falta de espaço para os momentos de descontração e de lazer de todas as crianças. Somente a creche e o pré-escolar têm os seus próprios espaços de recreio.

A Escola beneficia de um horário de funcionamento alargado, desde as 7h até às 20h, em dias úteis, encerrando aos feriados. Nos períodos de interrupção letiva, a instituição

¹ Sempre que se fala em secundário, está apenas a incluir-se o 10.º ano de escolaridade.

mantém-se aberta e as atividades de oferta complementar continuam a decorrer, bem como durante todo o ano.

Por se tratar de uma IPSS, as mensalidades dos alunos são calculadas consoante os rendimentos do agregado familiar, não existindo um valor fixo de família para família.

2.2.2. Caracterização do grupo

O grupo de crianças da turma do 4.º A possuía 23 alunos, treze do género masculino e dez do género feminino. Todos eles tinham idades compreendidas entre os nove e os dez anos, sendo que um dos rapazes era mais novo e uma das raparigas mais velha. Todas as crianças possuíam nacionalidade portuguesa.

Existiam duas crianças que apresentavam Necessidades Educativas Especiais, estando integradas no 4.º ano, contudo, a seguir um currículo de 2.º ano. Uma dessas crianças situava-se no espectro do autismo, segundo o diagnóstico médico apresentado pelos pais, e a outra ainda se encontrava a aprender a ler e a escrever, tendo sido diagnosticada com uma dislexia grave.

De acordo com o Decreto-Lei nº 54/2018 de 6 de julho, ambas as crianças usufruíam de Medidas Universais: acomodações curriculares; de Medidas Seletivas: antecipação e reforço das aprendizagens e apoio tutorial e ainda de Medidas Adicionais: adaptações curriculares significativas; metodologias e estratégias de ensino estruturado e competências de autonomia pessoal e social. É importante salientar que estas crianças eram devidamente acompanhadas pelos devidos técnicos.

Existiam também outras três crianças que apresentavam dificuldades ao nível da leitura e da escrita. Essas crianças beneficiavam de Medidas Universais: acomodações curriculares e de Medidas Seletivas: adaptações curriculares não significativas; antecipação e reforço das aprendizagens e apoio tutorial.

Os alunos da turma do 4.º A tinham, todos eles, fortes traços de carácter, sendo, por isso, uma turma de líderes. A maior parte dos alunos tinha uma grande facilidade em adquirir conhecimentos e possuía um raciocínio lógico-matemático rápido e coerente. Era um grupo muito competitivo, muito participativo e que adorava desafios. Também, por isso, algumas crianças tinham alguma dificuldade em trabalhar em grupo, em escutar o outro e em aceitar opiniões contrárias às suas.

Contudo, também existiam crianças que gostavam de ajudar os colegas e que quando terminavam as tarefas propostas, perguntavam se podiam ajudar quem ainda não as tinha terminado. Todos eles eram muito diferentes e muito especiais, cada um à sua maneira.

3. Desenvolvimento da prática profissional

3.1. O contributo do estágio para a prática profissional

A importância da existência de uma componente prática - o estágio - é imperativa, seja qual for a área profissional. Neste caso específico, estando futuramente a lidar com crianças, torna-se ainda mais importante, tendo em conta a responsabilidade social que lhe está subjacente.

A grande vantagem da Prática de Ensino Supervisionada é o poder encarar e experimentar a realidade. Estar, de facto, numa sala com um grupo de crianças e poder explorar a postura e as ações a ser adotadas. Aprender com o educador e com o professor cooperantes, com as orientadoras de estágio, com as crianças e sobretudo com os erros que são cometidos, tentando estar à altura do desafio e realizar o melhor desempenho possível.

Sabendo que a prática pedagógica é uma componente imprescindível para o processo de formação e de aprendizagem do futuro educador/professor, Formosinho (2001) explica-nos que esta é:

a componente intencional da formação de professores cuja finalidade explícita é iniciar os alunos no mundo da prática profissional docente. É a fase de prática docente acompanhada, orientada e refletida que serve para proporcionar ao futuro professor uma prática de desempenho docente global, em contexto real que permita desenvolver as competências e atitudes necessárias para um desempenho consciente, responsável e eficaz (p. 53).

Conforme destacam diversos autores, entre eles, Tardif & Raymond (2000), o saber profissional do professor não provém somente da formação que teve nem da experiência. Esse saber profissional vem também da sua história de vida pessoal, que se vai construindo ao longo de toda a vida, por meio da interação social, facilitando a interiorização de conhecimentos, competências, crenças e valores que estruturam a sua personalidade e as suas relações com os outros.

Quando se fala em processo de formação, fala-se, inerentemente, na construção da identidade de uma pessoa (Nóvoa, 2000). Segundo Cardoso, Batista & Graça (2016), “no plano subjetivo, a formação é entendida como um processo de apropriação pessoal e reflexiva, de

integração da experiência de vida na experiência profissional, em função das quais a ação educativa adquire significado” (p. 382).

A identidade do professor, de acordo com Nóvoa (2007), é “um lugar de lutas e de conflitos, é um lugar de construção de maneiras de ser e de estar na profissão” (p. 16). Ora, para se criar essa identidade é necessário tempo, é preciso acomodar inovações, assimilar mudanças e repensar a prática pedagógica num processo de autoconsciência acerca do que se faz, como se faz e por que se faz. Desse modo, não é possível fragmentar o “eu pessoal” do “eu profissional” (Nóvoa, 2000).

O que também precisa de ficar esclarecido é que em função das mudanças de paradigmas na educação, é impossível os educadores e professores da atualidade definirem uma só prática a sustentar para o resto da vida. É necessário estar em constante atualização, reflexão e reformulação, no que diz respeito às intenções referentes à prática pedagógica. De acordo com Freire (2009), “é pensando criticamente a prática de hoje ou de ontem que se pode melhorar a próxima prática” (p. 39).

Segundo Balancho & Coelho (1996), o professor tem como missão “identificar e despertar, por meio de processos didáticos e pedagógicos adequados à evolução das crianças e dos jovens, as necessidades, os interesses e, conseqüentemente, as motivações que existem dentro de cada aluno” (p. 47).

Para Alonso (2007), o perfil profissional desejado para um professor dos tempos atuais supõe “a capacidade de diagnosticar problemas, de refletir e investigar sobre eles, construindo uma teoria adequada (teorias práticas) que oriente a tomada de decisões” (p. 46). É necessário que o professor esteja aberto à mudança e à inovação, que aceite a diversidade e a diferença, que partilhe experiências e ideias com os seus pares, que esteja disposto não só a ensinar, mas, simultaneamente, a aprender com as suas crianças, de modo a promover a construção de um conhecimento holístico.

3.2. Problematização da questão de partida / do tema a partir da prática

Como já foi referido anteriormente, o tema do presente relatório final surgiu a partir das PES em Educação Pré-Escolar e no 1.º CEB. O facto de se ter contactado com a pedagogia Waldorf e de se ter vivenciado em conjunto com as crianças o seu ritmo diário, deixou claro que a educação pode, de facto, ser diferente e adotar diversos caminhos no que diz respeito a prover as crianças de ferramentas úteis que as ajudem a crescer e a desenvolver-se saudavelmente.

Foi esse ambiente artístico e harmonioso tão vivido e tão sentido, que despertou a vontade de enveredar por esse caminho e de fazer diferente. A Escola é muito mais do que um lugar onde se aprendem conteúdos. É o lugar onde se criam as primeiras amizades, onde se aprende a lidar com as primeiras emoções e sentimentos, onde se aprende a pensar, a tomar decisões e a sofrer as consequências dessas mesmas ações. Um lugar onde se aprende não só a fazer, como a ser.

Não existem metodologias/pedagogias perfeitas. É certo. Contudo, muito do que foi experimentado e vivenciado neste contexto fez realmente sentido.

Ao chegar ao segundo estágio, regressou também o sentimento de ter voltado à “realidade”. Como se o primeiro estágio tivesse sido uma espécie de devaneio. Isto, porque a maioria dos estabelecimentos de ensino ainda se rege por modelos e métodos maioritariamente tradicionais e expositivos.

Surgiu, então, a necessidade de explorar um pouco do universo artístico, chegando às artes através das expressões que são trabalhadas no 1.º CEB. O projeto de intervenção partiu daí, tendo-se baseado, maioritariamente, na realização de experiências e na concretização de uma maquete. Por esta razão, foi dado especial destaque à expressão plástica.

“É preciso não ensinar, mas fazer educação artística, é preciso partir das necessidades da criança e não de um sistema de ensino.

A arte não entra na criança, sai dela.”

Arno Stern, 1974

PARTE II – Estudo Empírico

1. Enquadramento Teórico / Definição de Conceitos

1.1. Educação e Arte

Atualmente, ainda não é possível definir com total clareza estes dois grandes termos: Educação e Arte. São conceitos extremamente complexos, cujas definições variam de cultura para cultura, através do tempo e das sociedades. Contudo, é certo que desde há muito tempo que estes conceitos se encontram interligados.

Anísio Teixeira, no prefácio da obra *Vida e Educação* de John Dewey (1978), diz-nos, de acordo com o autor, que “vida, experiência, aprendizagem não se podem separar. Simultaneamente vivemos, experimentamos e aprendemos. Nesse sentido, a experiência educativa pode ser considerada uma experiência inteligente, capaz de alargar os conhecimentos, enriquecer o nosso espírito e dar significação mais profunda à vida.” (pp. 6-17). Seguindo o pensamento de Dewey, vida e educação são conceitos indissociáveis, pois a escola deve preparar a sociedade para a vida prática, baseando-se em experiências e vivências do quotidiano. Desta forma, encontrar-nos-emos envolvidos num processo de constante aprendizagem. Aprendizagem essa que nunca termina ao longo da vida.

Tentando decifrar qual o propósito da Educação, Delors *et al.* (1996) mostra-nos a sua forma de pensar:

À educação cabe fornecer, dalgum modo, a cartografia dum mundo complexo e constantemente agitado e, ao mesmo tempo, a bússola que permita navegar através dele.

Nesta visão prospetiva, uma resposta puramente quantitativa à necessidade insaciável de educação – uma bagagem escolar cada vez mais pesada – já não é possível nem mesmo adequada. Não basta, de facto, que cada um acumule no começo da vida uma determinada quantidade de conhecimentos de que possa abastecer-se indefinidamente. É antes, necessário estar à altura de aproveitar e explorar, do começo ao fim da vida, todas as ocasiões de atualizar, aprofundar e enriquecer estes primeiros conhecimentos, e de se adaptar a um mundo de mudança (p. 89).

É certo que o campo da educação é um campo que está e sempre estará em constante mudança e atualização, devido ao avanço das descobertas científicas, tecnológicas e não só. Apesar disso, muitos dos princípios ainda defendidos hoje em dia são mencionados há séculos atrás por diversos autores, inclusive por Platão (427 – 346 a. C.).

Platão defendia que a educação não é algo que se aprende, mas sim uma capacidade inata que se vai desenvolvendo, ao longo do tempo, num sentido de evolução espiritual. Herbert Read defendeu as ideias de Platão, frisando que a arte deve ser a base da educação. Segundo Read (1958), “(...) o objetivo geral da educação é o de encorajar o desenvolvimento daquilo que é individual em cada ser humano, harmonizando simultaneamente a individualidade assim induzida com a unidade orgânica do grupo social a que o indivíduo pertence.” (p. 21). Para Read, a forma de atingir esse objetivo era possível através das artes, como expõe no seu livro *Education through Art* (1943).

Também como nos explicita Madalena Perdigão (1981, citada por Morais, 1992²):

A educação pela arte, que deve o nome a Herbert Read (...) propõe-se o desenvolvimento harmonioso da personalidade, através de atividades de expressão artística. Com a educação pela arte introduzem-se no sistema educativo a imaginação, a espontaneidade e uma dimensão da sensibilidade (p. 18).

Ajudando a traduzir o significado, atribuído por Read, de uma “educação pela arte”, Sousa (2017) elucida-nos:

Como metodologia de uma educação pela arte, H. Read propõe a expressão livre, o jogo, a espontaneidade, a inspiração e a criação, ou seja, que numa educação em que a base seja a arte, esta deverá ser proporcionada à criança sob a forma lúdica-expressiva-criativa, de modo livre, num clima que proporcione a inspiração, motive a expressão dos sentimentos e estimule a criatividade (p. 24).

Read acreditava, tal como Platão, que a arte diz respeito aos sentimentos e não à razão, que se manifesta intuitivamente e não através do pensamento consciente. Posto isto, também Read (1942, citado por Sousa, 2017) sentiu a necessidade de demonstrar qual é a finalidade da Educação:

² Compilação das comunicações apresentadas no Colóquio Educação pela Arte – Pensar o futuro, realizado de 13 a 15 de dezembro de 1991.

o fim da educação... é a preparação de cada criança para o seu lugar na sociedade, não apenas no seu aspeto vocacional, mas também espiritual e mental, então não é de informação que ela necessita: é de sabedoria, equilíbrio, autorrealização, gosto – qualidades que apenas podem provir de um exercício unificado dos sentimentos para a atividade de viver (p. 25).

Herbert Marcuse (1986, citado por Marques, 2011) fala-nos da arte como uma experiência abstrata, que nos transporta para outra realidade onde o impossível se torna possível.

A Arte abre uma dimensão inacessível a outra experiência, uma dimensão em que os seres humanos, a natureza e as coisas deixam de se submeter ao princípio da realidade estabelecida. O encontro com a verdade da arte acontece na linguagem e imagens distanciadoras, que tornam perceptível, visível e audível o que já não é ou ainda não é percebido, dito ou ouvido na vida diária (p. 67).

Assim sendo, a arte assume um papel cada vez mais importante na educação nos dias de hoje, visto que contribui para a transformação e ação do indivíduo no mundo, ajudando-o a descobrir a sua identidade, assim como a desenvolver o seu potencial criativo. São vários os autores que partilham deste ponto de vista. Segundo Marques (2011), desde há muito tempo que se tem vindo a refletir acerca do papel e da importância que a arte exerce no desenvolvimento do ser humano a diversos níveis, reconhecendo a mesma como um recurso social e educativo.

Os contributos que os diferentes autores trouxeram no binómio Arte e Homem são essenciais para o enriquecimento de vários planos: pedagógico, social, ético, estético, político, cuja inter-relação concorre para o desenvolvimento da faculdade de sentir, ponto de partida para todas as atividades do indivíduo (Habermas, 1990) (p. 68).

Fróis, Marques & Gonçalves (2000) salientam-nos que “uma das finalidades da arte é contribuir para o apuramento da sensibilidade e desenvolver a criatividade dos indivíduos.” (p. 201).

As artes parecem ser, então, a ferramenta ideal para entender e explorar todo o processo educativo, podendo ser consideradas um meio para atingir o fim, que é a educação. Marques (2011) elucida-nos ao afirmar que

a Arte, vista como uma manifestação cultural e uma experiência humana, nas suas diferentes manifestações e significados, pode ser encarada como forma(s) de ler o Mundo, de o conhecer, de o comunicar e de o questionar. Assim, a Arte entra em relação com outros saberes e outros valores e, assume-se, não como um absoluto e um sistema fechado, mas como um processo dinâmico que entra em relação com outras áreas do conhecimento (p. 68).

Através das palavras de Marques, entendemos como a arte se encontra presente na vida do ser humano de uma forma tão natural, tão espontânea, revelando, precisamente, o lado mais humano que existe em nós. A arte possui também o poder de fazer sobressair capacidades como o “pensar e sentir, assim como de participar e refletir sobre ideias e fenómenos que nos fazem transcender o comum.” (Yenawine, 2000, p. 191).

Referenciando Gray (1989):

1. *The arts are a basic means of communication [...];*
2. *The arts help students develop their creativity and their talent [...];*
3. *Studying the arts helps students learn all other subjects as well [...];*
4. *Studying the arts is one of the best ways to understand human civilization [...];*
5. *Studying the arts helps students develop discipline [...];*
6. *Studying the arts in school helps prepare students for their adult lives [...];*
7. *Studying the arts helps students develop their artistic judgment [...]* (pp. 86-87).

Através destes sete tópicos, o autor demonstra-nos a influência que as artes exercem na educação e o impacto que as mesmas podem ter no desenvolvimento humano, preparando cada criança para os desafios da sua vida adulta.

1.2. A Educação Artística e o Desenvolvimento de Competências Individuais

A Educação Artística tem sido conceptualizada ao longo dos anos por diversos autores. Afinal, em que consiste uma Educação Artística? Qual o propósito das artes quando se fala em educação? Qual o seu papel no desenvolvimento de competências individuais?

Relativamente a estas questões, Louis Porcher (1982) demonstra-nos a sua forma de pensar:

A educação artística propõe-se a criar nos indivíduos não tanto um amor problemático e isolado pelas belas obras, mas sobretudo uma consciência exigente e ativa em relação ao meio ambiente, quer dizer, em relação ao panorama e à qualidade da vida cotidiana desses indivíduos; a educação artística propõe-se a criar nos indivíduos não tanto aptidões artísticas, mas sobretudo um desenvolvimento global da personalidade, através de formas as mais diversificadas e complementares possíveis de atividades expressivas, criativas e sensibilizadoras; a educação artística, porém, não se contenta apenas com as virtudes instauradoras do acaso, do *laissez-faire* e da não-intervenção, mas pressupõe, pelo contrário, a utilização de métodos pedagógicos específicos, progressivos e controlados, os únicos capazes de produzir a alfabetização estética (plástica, musical etc.) sem a qual toda expressão permanece impotente e toda criação é ilusória. (p. 25)

Sousa (2017) afirma que

uma série de experiências efetuadas pela Fred Foundation, em 1955, demonstrou que uma Educação Artística é fundamental para um desenvolvimento equilibrado da pessoa, havendo mais problemas e dificuldades psicológicas e de aprendizagem em escolas que apenas praticam modelos de educação cognitiva (letras e ciências) (Langster, 1955) (p. 62).

Investigadores como Descombes (1974), Sokolov (1975), Coopersmith (1976) e Harter (1978) defendem também esta perspetiva de prevenção de dificuldades psicológicas e de aprendizagem relativamente à Educação Artística, salientando que a mesma proporciona um aumento de autoestima, auto percepção e autorrealização, ajudando igualmente na conquista do sucesso escolar.

Após a realização de uma Conferência Mundial sobre Educação Artística, que decorreu de 6 a 8 de março de 2006, em Lisboa, surgiu o *Roteiro para a Educação Artística: desenvolver as capacidades criativas para o século XXI*. Através deste documento, foi possível clarificar algumas questões.

De acordo com o Roteiro para a Educação Artística (2006), “a Educação Artística contribui para uma educação que integra as faculdades físicas, intelectuais e criativas e possibilita relações mais dinâmicas e frutíferas entre educação, cultura e arte.” (p. 6).

A envolvimento e a participação ativa em processos criativos proporcionada pela arte “permite cultivar em cada indivíduo o sentido de criatividade e iniciativa, uma imaginação fértil, inteligência emocional e uma “bússola” moral, capacidade de reflexão crítica, sentido de autonomia e liberdade de pensamento e ação.” (p. 6).

Perceber que a forma como a arte é apreciada varia de cultura para cultura, visto que “a arte é simultaneamente manifestação de cultura e meio de comunicação do conhecimento cultural” (p. 8), pois cada cultura detém as suas próprias formas de se expressar artisticamente e práticas culturais. Dito isto, é possível afirmar que “a cultura e a arte são componentes essenciais de uma educação completa que conduza ao pleno desenvolvimento do indivíduo.” (p. 5).

António Damásio e Hanna Damásio são dois médicos e neurocientistas portugueses que se dedicam ao estudo do cérebro e das emoções humanas. Na Conferência da UNESCO sobre Artes e Educação, António Damásio abordou o tema *Brain, Art and Education*, chegando a importantes conclusões.

Damásio destaca a importância das artes e de uma educação artística para a evolução social da sociedade e para o desenvolvimento da criatividade, salientando o impacto que as emoções têm no nosso cérebro. Começa por explicar como o cérebro está relacionado com tudo o que somos e tudo o que fazemos, tais como, as artes e a educação, que são produto de tudo o que acontece e se desenvolve no mesmo. Salienta também que o problema não está na importância que é dada a uma educação baseada nas ciências e na matemática, aliás, defende que a mesma continua a ser bastante necessária, mas sim no desejo de reduzir uma educação com base nas artes.

Defende que “um saudável comportamento moral, que constitui o alicerce sólido do cidadão, exige a participação emocional” (Roteiro para a Educação Artística, 2006, p. 7), ou seja, tem de existir um equilíbrio entre os pensamentos racional e emocional, um não pode existir sem o outro.

Durante muito tempo, pensou-se que estes dois processos, cognitivo e emocional, atuassem no cérebro humano de forma isolada, constituindo dois processos totalmente distintos. Damásio veio afirmar o oposto, comprovando que “human minds and human brains result from a very complex cooperative working of both emocional and cognitive processes. We need both.” (Damásio, s.d., p. 7) e defendendo que a emoção é parte integrante do processo racional e da tomada de decisões.

Ao valorizar a vertente emocional, estaremos a tornar cada criança num ser humano mais criativo, flexível, adaptável e inovador. Características estas que são cada vez mais relevantes e necessárias para os dias de hoje.

1.2.1. A Imaginação e a Atividade Criadora

O termo “criatividade” tem sido alvo de discussão ao longo do tempo por diversos investigadores. Por essa razão, sentiu-se a necessidade de adotar uma definição consensual acerca do mesmo. Assim sendo, Lubart (2007) constata que “a criatividade é a capacidade de realizar uma produção que seja ao mesmo tempo nova e adaptada ao contexto na qual ela se manifesta (Amabile, 1996; Barron, 1988; Lubart, 1994; MacKinnon, 1962; Ochse, 1990; Sternberg & Lubart, 1995)” (p. 16).

Somente o ser humano possui a capacidade de realizar uma atividade criadora, ou seja, de criar algo novo. O ato de criar algo novo só é possível devido aos diversos processos que ocorrem no nosso cérebro, permitindo-nos imaginar tal objeto e/ou tal ideia para posteriormente o representar no mundo real (Vygotsky, 2009). Segundo o Roteiro para a Educação Artística (2006),

A imaginação, a criatividade e a inovação estão presentes em todos os seres humanos e podem ser alimentadas e aplicadas. Existe uma forte relação entre estes três processos. A imaginação é a característica distintiva da inteligência humana, a criatividade é a aplicação da imaginação e a inovação fecha o processo fazendo uso do juízo crítico na aplicação de uma ideia (Sir Ken Robinson) (p. 10).

Posto isto e de acordo com Vygotsky (2009), podemos observar no comportamento do Homem “dois tipos de impulso fundamentais”. Um deles seria o reprodutor ou reprodutivo, que consiste na repetição de experiências passadas, estando associado à memória. É devido à plasticidade do nosso cérebro e dos nossos nervos que é possível conservar experiências vividas, facilitando a sua reiteração.

Contudo, a atividade do ser humano não se limita a esta função reprodutora. Caso contrário, ele seria incapaz de se adaptar a novas realidades, a novas condições inesperadas e impostas pelo ambiente que o rodeia. Além desta função, é fácil identificar no Homem outra que combina e que cria, surgindo, precisamente, do ato de imaginar. Para Vygotsky (2009):

O cérebro não se limita a ser um órgão capaz de conservar ou reproduzir as nossas experiências passadas, é também um órgão combinatório, criador, capaz de reelaborar e criar novas normas e conceções a partir de experiências passadas. Se a atividade do homem se reduzisse a repetir o passado, o homem seria um ser virado exclusivamente

para o ontem e incapaz de se adaptar a um amanhã diferente. É precisamente a atividade criadora do homem que faz dele um ser projetado para o futuro, um ser que contribui para criar e que modifica o seu presente (p. 11).

A psicologia atribui os termos imaginação ou fantasia a esta atividade criadora ou combinatória do cérebro. Vygotsky (2009) defende que

a imaginação, como base de toda a atividade criadora, manifesta-se igualmente em todos os aspetos da vida cultural, possibilitando a criação artística, científica e técnica. Neste sentido, absolutamente tudo o que nos rodeia e foi criado pela mão do homem, todo o mundo da cultura, na medida em que se distingue do mundo da natureza, tudo isso é produto da imaginação e da criação humana, baseando-se na imaginação (pp. 11-12).

Também as crianças possuem esta capacidade de imaginar e de criar, menos desenvolvida é certo, devido à sua menor experiência de vida. Fazem-no através dos seus jogos e das suas brincadeiras. O mesmo autor explica que “entre as questões mais importantes da psicologia infantil e da pedagogia conta-se a da capacidade criadora das crianças, a da promoção desta capacidade e a da sua importância no desenvolvimento geral e maturação da criança.” (p. 13). Sabemos também que muito do que é fantasiado pelas crianças surge através da reprodução daquilo que observam e da interação com o outro, contudo, sempre acrescentando novos significados, de acordo com a perceção e as necessidades de cada uma.

As crianças, nos seus jogos, não se limitam a recordar experiências vividas, mas reelaboram-nas de modo criador, combinando-as entre si e construindo com elas novas realidades de acordo com os seus afetos e necessidades. A avidez que sentem de fantasiar as coisas é um reflexo da sua atividade imaginativa, como acontece também nos seus jogos (Vygotsky, 2009, p. 14).

Posto isto, conclui-se que a imaginação e a criatividade são conceitos essenciais e imprescindíveis para o desenvolvimento artístico, cognitivo e emocional de qualquer criança. A partir destes conceitos e através deles, estamos a assumir e a permitir que todas as crianças explorem as suas capacidades, permitindo-lhes conhecer os seus limites bem como as suas potencialidades.

1.3. A Educação Artística na Educação Pré-Escolar e no Ensino do 1.º Ciclo do Ensino Básico

A arte representa uma componente fundamental da Lei de Bases do Sistema Educativo Português. Como se pode observar no capítulo II, secção I, artigo 5.º, são objetivos da educação pré-escolar “a) Estimular as capacidades de cada criança e favorecer a sua formação e o desenvolvimento equilibrado de todas as suas potencialidades; b) Contribuir para a estabilidade e a segurança afetivas da criança” como também “f) Desenvolver as capacidades de expressão e comunicação da criança, assim como a imaginação criativa, e estimular a atividade lúdica” (pp. 5125-5126).

Na secção II, artigo 7.º, encontram-se os objetivos para o Ensino Básico, entre eles:

a) Assegurar uma formação geral comum a todos os portugueses que lhes garanta a descoberta e o desenvolvimento dos seus interesses e aptidões, capacidade de raciocínio, memória e espírito crítico, criatividade, sentido moral e sensibilidade estética, promovendo a realização individual em harmonia com os valores da solidariedade social; (...) c) Proporcionar o desenvolvimento físico e motor, valorizar as atividades manuais e promover a educação artística, de modo a sensibilizar para as diversas formas de expressão estética, detetando e estimulando aptidões nesses domínios (p. 5126).

No artigo 8.º, referente à organização e especificação de cada ciclo, prevê-se:

a) Para o 1.º ciclo, o desenvolvimento da linguagem oral e a iniciação e progressivo domínio da leitura e da escrita, das noções essenciais da aritmética e do cálculo, do meio físico e social e das expressões plástica, dramática, musical e motora (p. 5127).

O decreto-lei 344/90 acerca da educação artística veio também dar um novo rumo às artes, destacando a sua importância e o seu papel na educação. No que diz respeito à educação pré-escolar e ao 1.º CEB, este decreto pressupõe uma perspetiva de educação pela arte. Como áreas artísticas evidenciam-se a música, a dança, o teatro, o cinema e o audiovisual e as artes plásticas.

Fica, então, explícito que, de acordo com a Lei de Bases e com o respetivo decreto-lei, as artes devem fazer parte da educação da criança desde cedo e que, sem elas, o desenvolvimento da mesma se encontra incompleto. Sendo que se verifica que as atividades artísticas além de atuarem ao nível dos domínios cognitivo, socio-emocional e artístico,

conseguem também fortalecer o vínculo das crianças com a escola, motivando-as a envolver-se nas atividades escolares. Contribuem para o desenvolvimento da autonomia, da imaginação e da criatividade, da capacidade de lidar com as próprias emoções e a relacionar-se com os outros, sendo, portanto, consideradas uma forma de comunicação. Todos estes fatores se tornam imprescindíveis tanto para que exista uma boa aprendizagem em qualquer domínio como para a formação da personalidade da criança.

Segundo o Roteiro para a Educação Artística (2006),

como um dos objetivos é dar a todos iguais oportunidades de atividade cultural e artística, é necessário que a educação artística constitua uma parte obrigatória dos programas de educação para todos. A educação artística deverá igualmente ser sistemática e ser facultada durante vários anos, uma vez que se trata de um processo a longo prazo. (p. 6).

Em pleno século XXI, o educador deve preocupar-se em proporcionar às crianças um contacto com as diversas formas de arte, tendo em conta que cada uma delas possui a sua própria linguagem. A apropriação dessa linguagem deve ser vista como uma via para a expressão e para a comunicação. Cabe, então, ao educador “desenvolver capacidades não apenas de ver o mundo significativo que transcende os meios expressivos, mas também enfatizar o relacionamento pessoal com esse mundo, abrindo-se a ele e enriquecendo-se com os significados aí descobertos (Leontiev, 2003)” (Marques, 2011, p. 78).

Segundo a perspectiva de Leontiev (2003) expressa por Marques (2011), este é um aspeto a melhorar na formação de educadores e professores. Ensinar metodologias que sejam eficazes no desenvolvimento de competências estéticas e que permitam entender os diferentes tipos de linguagem que a arte pode assumir.

1.4. A Expressão Plástica no 1.º Ciclo do Ensino Básico

Primeiramente, é fundamental começar por compreender a essência da palavra “expressão”. Sousa (2003) clarifica o sentido que queremos atribuir a este termo, reproduzindo o pensamento de Stern:

A expressão é como um vulcão, algo que brota espontaneamente, algo que vem do interior, das entranhas, do mais profundo do ser. Expressar é tornar-se vulcão. Etimologicamente, é expulsar, exteriorizar sensações, sentimentos, um conjunto de factos emotivos. Expressar-se significa realizar um ato, que não é ditado, nem controlado pela razão. (Stern, 1991) (p. 165).

A expressão de que falamos só faz sentido se for espontânea, ou seja, se partir da vontade da criança. Nunca deve ser imposta pelo adulto. A tarefa a realizar, essa sim, pode e deve ser orientada. Com isto, queremos dizer que cada pessoa transporta realidades e experiências diferentes (ambiental, social e cultural), possuindo um conjunto de características únicas que a distingue das demais, logo pensará de maneira diferente e, portanto, terá a sua própria forma de se expressar. Ao impor à criança o que fazer, ao dizer-lhe como se deve sentir e/ou expressar, estaremos a limitá-la e a impedi-la de progredir positivamente, de ir mais longe.

Através da expressão livre, a criança não só desenvolve a imaginação e a sensibilidade, como também aprende a conhecer-se e a conhecer os outros, aceitando e respeitando a autenticidade de cada um ou o modo pessoal como cada um se exprime de acordo com as suas ideias, sentimentos e aspirações. (Gonçalves, 1991, citado por Sousa, 2003, p. 169).

Como afirma Elvira Leite no seu discurso sobre *Artes Plásticas: um contributo para as novas perspetivas sobre educação*, torna-se urgente criar novos rumos para o futuro, novas referências, novas fontes geradoras de ideias inovadoras.

Os objetivos educacionais estão a mudar, assistindo-se a uma reestruturação na ação pedagógica. Devido a uma “necessidade crescente de atuar ao nível da consciencialização dos valores culturais, da preservação do património e da identidade cultural, de intervir no meio contribuindo para a qualidade de vida” (Leite, 1992, p. 92), o papel das artes na educação tem vindo a crescer e a ser cada vez mais valorizado.

Embora estejamos perante um processo que demora o seu tempo, a sociedade tem vindo, de facto, a evoluir. A prioridade do século XXI foca-se em habilitar crianças e jovens de uma boa capacidade para resolver problemas, de inovar, de estar aberto à mudança, de desenvolver a consciência cultural, entre outras coisas.

O Programa de Expressão e Educação Plástica previsto para o 1.º CEB integra um conjunto de princípios orientadores que, embora ainda se encontrem pouco desenvolvidos, contribuem para o desenvolvimento das competências acima referidas, privilegiando a ideia de liberdade de expressão. No programa é valorizada uma vertente mais prática, que proporciona a manipulação de materiais com diversas formas e cores e a exploração livre dos meios de expressão gráfica e plástica, contribuindo não só “para despertar a imaginação e a criatividade dos alunos, como lhes possibilita o desenvolvimento da destreza manual e a descoberta e organização progressiva de volumes e superfícies.” (p. 89). Promove também o contacto com a natureza e a visita a instituições artísticas, de forma a “enriquecer e alargar a experiência dos alunos e desenvolver a sua sensibilidade estética.” (p. 89).

No que diz respeito ao ato de construir, de acordo com o programa:

as crianças necessitam de explorar, sensorialmente, diferentes materiais e objetos, procurando, livremente, maneiras de os agrupar, ligar, sobrepor... Fazer construções permite a exploração da tridimensionalidade, ajuda a desenvolver a destreza manual e constitui um desafio à capacidade de transformação e criação de novos objetos. O carácter lúdico, geralmente associado a estas atividades, garante o gosto e o empenho dos alunos na resolução de problemas com que são confrontados. (p. 90).

Para o desenvolvimento de qualquer tipo de trabalho com as crianças, reforça-se a importância da existência de um ambiente agradável, descontraído, alegre e que ofereça liberdade e autonomia à criança. Deste modo, Nicolau (1987) enumerou uma série de procedimentos que deverão orientar o trabalho do professor. Sendo eles os seguintes:

- Oferecimento de propostas adequadas, que respeitem e estimulem as experiências das crianças;
- Respeito à individualidade da criança, considerando sua expressão como linguagem;
- Valorização das respostas dadas pelas crianças;
- Utilização intensa de atividades lúdicas;
- Oferecimento de propostas que trabalhem o pensamento divergente;

-
- Oferecimento de oportunidades frequentes e contínuas para experiências sensoriais;
 - Oferecimento de oportunidades que levem a criança à observação, imaginação, exploração, improvisação, concentração, criação, fluência e flexibilidade;
 - Estimulação adequada e constante da criança, por meio de desafios e situações-problemas que agucem sua curiosidade;
 - Identificação com os interesses da criança, respeitando seu próprio ritmo;
 - Utilização de recursos que ajudem a criança na organização do seu material, de si própria e de seu ambiente de trabalho;
 - Presença discreta e efetiva para toda classe, sem perder de vista a relação particular com cada criança;
 - Oferecimento de propostas em que as técnicas se adaptem às necessidades naturais de cada criança e nunca aquelas em que as crianças têm de se adaptar às técnicas;
 - Criação de um ambiente seguro, de uma atmosfera em que haja confiança e tranquilidade (p. 15).

2. Objeto de Estudo

O presente relatório final tem como tema *A Importância das Artes/Expressões no Desenvolvimento e Aprendizagem da Criança*. A investigação tem como principal objetivo responder à seguinte questão de partida: Qual a importância e a influência que as artes/expressões, em especial, a expressão plástica têm no desenvolvimento e aprendizagem da criança?

A partir deste tema, surgiu a necessidade de delinear objetivos mais específicos, de modo a clarificar a pergunta inicial e com o intuito de facilitar e orientar a investigação. Os seguintes objetivos serão, maioritariamente, respondidos através das entrevistas realizadas aos professores de 1.º CEB e à artista plástica. Sendo eles:

- Conhecer a importância dada pelos professores às artes/expressões;
- Identificar as metodologias utilizadas no desenvolvimento das expressões, em especial, da expressão plástica;
- Compreender a valorização dada às artes/expressões em relação às outras áreas curriculares;
- Compreender se as artes/expressões influenciam o desenvolvimento e o processo de aprendizagem das crianças.

3. Métodos e Procedimentos

3.1. Metodologia

Os projetos de investigação são essenciais quando se fala em educação, pois sabemos que esta é uma área que se encontra em constante mudança e que se esforça por acompanhar uma sociedade cada vez mais evoluída a nível científico e tecnológico.

Segundo Bell (1997), “uma investigação é conduzida para resolver problemas e para alargar conhecimentos sendo, portanto, um processo que tem por objetivo enriquecer o conhecimento já existente” (p. 14). É necessário que haja um trabalho contínuo de construção e desconstrução do saber por parte dos profissionais de educação, de modo a facilitar a compreensão de situações educativas e proporcionando um desenvolvimento quer a nível profissional quer pessoal.

Existem várias abordagens metodológicas a considerar quando se realiza um projeto de investigação, determinar qual delas é a mais adequada é o que se torna difícil. Neste caso, tendo em conta o contexto em que é realizada a investigação, faz sentido falar em investigação-ação. Encontramos diferentes perspetivas face a esta metodologia.

Na perspetiva de Kurt Lewin, a investigação-ação baseia-se numa “ação de nível realista sempre seguida por uma reflexão autocrítica objetiva e uma avaliação de resultados e é animada pelo espírito de dupla recusa: nem ação sem investigação nem investigação sem ação” (Silva & Pinto, 1986, p. 265).

De acordo com Sanches (2005), a investigação-ação é vista “como produtora de conhecimentos sobre a realidade, pode constituir-se como um processo de construção de novas realidades sobre o ensino, pondo em causa os modos de pensar e de agir das nossas comunidades educativas” (p. 130).

Segundo a opinião de Latorre (2003, citado por Coutinho, 2009), que parece adequar-se plenamente a esta investigação em particular, “o propósito fundamental da investigação-ação não é tanto gerar conhecimento, mas sim, questionar as práticas sociais e os valores que as integram com a finalidade de explicá-los. A investigação-ação é um poderoso instrumento para reconstruir as práticas e os discursos” (p. 363).

Relativamente ao carácter da metodologia, esta investigação incide sobre o paradigma de investigação qualitativa, tendo em conta as técnicas e os instrumentos de recolha de dados selecionados. Segundo Denzin & Lincoln (1994, citado por Aires, 2011), “a investigação

qualitativa é uma perspectiva multimetódica que envolve uma abordagem interpretativa e naturalista do sujeito de análise” (p. 14). Denzin (1994, citado por Aires, 2011) define ainda

o processo de investigação qualitativa como uma trajetória que vai do *campo* ao *texto* e do *texto* ao *leitor*. Esta trajetória constitui um processo reflexivo e complexo. O investigador faz a pesquisa no terreno, para obter informação, orientando-se por duas persuasões básicas: *persuasão científica* que define e descreve a natureza da realidade social, e *persuasão epistemológica* que determina e orienta o modo de captar e compreender a realidade. (p. 16).

Contrariamente ao que acontece na investigação quantitativa e na perspectiva de Flick (2005), nos métodos qualitativos, a interação do investigador com o campo e com os sujeitos envolvidos é vista como parte explícita da produção do saber. “A subjetividade do investigador e dos sujeitos estudados faz parte do processo de investigação.” (p. 6).

Bogdan & Biklen (2013) salientam cinco características ao falar em investigação qualitativa, esclarecendo que “nem todos os estudos que considerariamos qualitativos patenteiam estas características com igual eloquência” e que alguns deles são “totalmente desprovidos de uma ou mais das características.” (p. 47). Posto isto, essas cinco características são as seguintes:

1. *Na investigação qualitativa a fonte direta de dados é o ambiente natural, constituindo o investigador o instrumento principal.*
2. *A investigação qualitativa é descritiva.*
3. *Os investigadores qualitativos interessam-se mais pelo processo do que simplesmente pelos resultados ou produtos.*
4. *Os investigados qualitativos tendem a analisar os seus dados de forma indutiva.*
5. *O significado é de importância vital na abordagem qualitativa.* (pp. 47-50).

Segundo Nelson *et al.* (1992, citado por Aires, 2011), “os investigadores qualitativos estudam os fenómenos nos seus contextos naturais. (...) A investigação qualitativa é, portanto, considerada um campo interdisciplinar e transdisciplinar que atravessa as ciências físicas e humanas” (p. 13).

Para Psathas (1973, citado por Bogdan & Biklen, 2013), o investigador qualitativo em educação assume uma postura de questionador perante os sujeitos presentes na investigação, tendo como finalidade entender “aquilo que *eles* experimentam, o modo como *eles* interpretam

as suas experiências e o modo como *elas* próprios estruturam o mundo social em que vivem” (p. 51).

É fundamental para o investigador qualitativo não só recolher dados do terreno como também refletir acerca dos mesmos. De acordo com Moreira (2001, citado por Sanches, 2005) essa é uma das vantagens presente na investigação-ação:

“É neste vaivém contínuo entre ação e reflexão que reside o potencial da investigação-ação enquanto estratégia de formação reflexiva, pois o professor regula continuamente a sua ação, recolhendo e analisando informação que vai usar no processo de tomada de decisões e de intervenção pedagógica” (p. 129).

3.2. Técnicas e Instrumentos de Recolha de Dados

No decorrer da investigação, foram tidos em conta alguns instrumentos, que permitiram a clarificação e a compreensão tanto dos contextos onde decorreram ambas as PES como dos dados que foram extraídos do terreno. Recorreu-se à observação participante, a documentos facultados pela educadora de infância e pela professora de 1.º CEB; a notas de campo e a entrevistas.

De modo a caracterizar o contexto socioeducativo, para Moresi (2003), o conjunto de processos e os instrumentos são elaborados para garantir que ocorre o registo das informações, o controle e a análise dos dados.

Contudo, de todos estes instrumentos de recolha de dados, dois deles revelaram-se fundamentais e decisivos para dar resposta aos objetivos delineados inicialmente: a observação participante e as entrevistas.

3.2.1. Observação participante

A observação participante constituiu um dos meios fundamentais para a recolha de dados da presente investigação. Vários autores, como Rodríguez *et al.* (1999), Trauth & O'Connor (2000) e Yin (2005) caracterizam esta técnica como um método interativo de recolha de informação, onde o observador assume um papel participativo na vida diária dos sujeitos em estudo, assumindo-se como investigador enquanto observa, escuta e questiona o que o rodeia.

Yin (2005) refere-nos que uma das vantagens desta técnica “é a capacidade de perceber a realidade do ponto de vista de alguém de “dentro” do estudo de caso, e não de um ponto de vista externo” (p. 122). Ainda sobre esta questão, também Rodríguez *et al.* (1999) realçam que:

O observador participante pode aproximar-se num sentido mais profundo e fundamental às pessoas e comunidades estudadas e aos problemas que as preocupam. Esta aproximação que situa o investigador no papel dos participantes, permite obter percepções da realidade estudada que dificilmente se poderiam conseguir sem se implicar de maneira efetiva (pp. 165-166).

A observação participante é, portanto, uma técnica de investigação qualitativa que se adapta às intenções do investigador, permitindo-lhe conhecer e compreender um meio social que, ao início, lhe é totalmente desconhecido. A observação deverá evoluir de uma fase mais descritiva para outra mais seletiva, focando-se em aspetos essenciais ao estudo.

É essencial que o investigador enquanto observador adote uma postura desprovida de preconceitos e seja capaz de desenvolver um novo olhar sobre os sujeitos, sem julgar o que considera ser certo ou errado. O processo de observar, detalhar, descrever, documentar e analisar os padrões específicos de uma cultura é fundamental para a compreensão dessa mesma cultura (Leininger, 1985).

Tal como Atkinson & Hammersley (1994, p. 250, citados por Vasconcelos, 2016), também nós defendemos que

(...) toda a investigação social é uma forma de observação participante porque não podemos estudar o mundo sem fazermos parte dele... a observação participante não é uma técnica específica de investigação, mas uma forma de estar no mundo que é decisiva para os investigadores qualitativos (p. 80).

3.2.2. Entrevistas

As entrevistas foram dirigidas a três professores do 1.º CEB, dois dos quais docentes na instituição onde decorreu o estágio, e ainda a uma artista plástica, que também leciona no 3.º CEB e no secundário. É importante salientar que a entrevista realizada à artista plástica foi ligeiramente adaptada, tendo sido suprimidas duas das seis questões realizadas aos professores de 1.º CEB.

Bogdan & Biklen (2013) explicam-nos o propósito da realização de uma entrevista: “(...) a entrevista é utilizada para recolher dados descritivos na linguagem do próprio sujeito, permitindo ao investigador desenvolver intuitivamente uma ideia sobre a maneira como os sujeitos interpretam aspetos do mundo.” (p. 134).

Nesta investigação, a entrevista permitiu-nos entender a perceção que os sujeitos têm relativamente ao lugar que as artes têm (ou deveriam ter) na educação. O foco foram as expressões, destacando-se a expressão plástica. Falamos em expressões por ser a terminologia mencionada no currículo do 1.º CEB e por ser a forma mais rápida de abordar as artes. A expressão plástica é evidenciada, por partir do projeto de intervenção realizado na PES no 1.º CEB.

Segundo Vasconcelos (2016), “a entrevista é um dos meios mais poderosos para tentar compreender outros seres humanos.” (p. 80). O mesmo autor refere também que “o entrevistador deve assumir uma atitude que evoca a intenção de “estar na pele” do entrevistado, garantindo que o diálogo, portanto, se torne um processo de compreensão e de cativação do outro para a problemática da pesquisa.” (p. 80). Como afirmam Bogdan & Biklen (2013), “as boas entrevistas caracterizam-se pelo facto de os sujeitos estarem à vontade e falarem livremente sobre os seus pontos de vista” (p. 136).

Enquanto investigadora e entrevistadora, foi adotada uma postura informal, tentando ao máximo não influenciar e compreender os pontos de vista dos entrevistados, escutando-os atentamente e não interrompendo os seus raciocínios.

Uma das estratégias utilizada foi a gravação de áudio, de forma a garantir que a informação recebida se mantinha o mais fidedigna possível. Outra das estratégias que esteve presente na concretização destas entrevistas foi a tentativa de elaborar questões que não pudessem ser respondidas somente com um “sim” ou com um “não” (perguntas de resposta fechada).

Contudo, prevaleceu o sentimento de que algumas entrevistas ficaram um pouco aquém daquilo que foi idealizado. Relativamente a este aspeto, Bogdan & Biklen (2013) salientam que “(...) embora não se possa usufruir da mesma intensidade com todas as pessoas entrevistadas, mesmo uma má entrevista pode proporcionar informação útil.” (p. 136). Segundo os mesmos autores, o que realmente importa é “encorajar os entrevistados a expressarem aquilo que sentem.” (p. 137). Todos estes aspetos foram sempre respeitados ao longo de todas as entrevistas.

4. Apresentação, Análise e Discussão dos Resultados

4.1. Análise de Conteúdo das Entrevistas

De modo a agilizar a apresentação e a análise dos dados recolhidos através das entrevistas, recorreremos à técnica de análise de conteúdo, que, em seguida, apresentamos em tabelas. Segundo Bardin (1977), a análise de conteúdo surge como “um conjunto de técnicas de análise das comunicações visando obter por procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens indicadores (quantitativos ou não) que permitam a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção/recepção (variáveis inferidas) destas mensagens” (p. 42).

Construímos uma tabela correspondente a cada entrevista onde são definidas a categoria, a subcategoria e as respetivas unidades de registo, de modo a extrair excertos que nos permitam compreender e responder à questão de partida levantada inicialmente.

Em seguida, fizemos uma breve análise relativamente a cada discurso. Numa primeira fase, o objetivo consistiu somente em mostrar e “compreender os pontos de vista dos sujeitos e as razões que os levam a assumi-los.” (Bogdan & Biklen, 2013, pp. 137-138). Numa segunda fase, tentámos detetar possíveis pontos de convergência entre os discursos, de maneira a que no final se pudesse discutir e retirar uma ou mais conclusões.

A duração das entrevistas variou entre os 16 e os 28 minutos, aproximadamente. As mesmas encontram-se transcritas na íntegra (apêndices B, C, D e E).

Discurso I (ver apêndice B)

Categorias	Subcategorias	Unidades de registo
Caracterização	Idade	“Tenho 40 anos de idade.”
	Formação académica	“A minha formação académica foi realizada no ISCE – Instituto Superior de Ciências Educativas, no curso de Professor de 1.º Ciclo do Ensino Básico.”
	Experiência profissional	“Experiência profissional já são 13 anos (...).”

<p>Importância e influência das artes/expressões, em especial da expressão plástica</p>	<p>1. Qual a importância das artes/expressões na sua pedagogia/metodologia?</p> <p>2. Qual das expressões trabalha mais? Porquê?</p> <p>3. Através de que instrumentos e/ou atividades as expressões, em especial a expressão plástica, são implementadas na sala de aula?</p>	<p>“Qualquer uma delas é extremamente importante, quer pela criatividade, quer a concentração que podemos ir buscar.”;</p> <p>“Há crianças que (...) não acreditam em si próprias, a expressão plástica é essencial para elas ultrapassarem esses medos.”;</p> <p>“As expressões devidamente trabalhadas são excelentes também em termos emotivos, o saber trabalhar em grupo, o saber as regras de um jogo, o saber respeitar o outro é essencial.”</p> <p>“(...) a expressão musical e a expressão plástica.”;</p> <p>“(...) em sala é mais fácil ser transversal com as outras disciplinas (...)”;</p> <p>“Para fazer exercícios de matemática (...) a expressão musical é excelente (...) para se concentrarem e para relaxarem e até ganham uma certa motivação quando estão a trabalhar.”</p> <p>“(...) coloco músicas muito relaxantes, por norma, instrumentais com piano, porque acho que é um dos instrumentos mais calmantes para despertar essa concentração (...)”;</p> <p>“(...) se estamos a trabalhar um texto, vamos imaginar que é uma banda desenhada, eles têm de transformar essa banda desenhada na sua própria banda desenhada e construir um texto (...)”;</p>
---	--	--

	<p>4. O que aprendeu com as aulas lecionadas pelos professores das áreas de expressão, no sentido de melhorar a metodologia nas diferentes áreas curriculares?</p> <p>5. Quais as aprendizagens que considera que as expressões, em especial a expressão plástica, potenciam?</p>	<p>“(…) quando trabalhamos os adjetivos, eles fazem jogos dramáticos para os colegas descobrirem quem é o colega.”</p> <p>“(…) eu tenho aprendido muito com os meus colegas e não é só isso, é o facto de eles irem mais além daquilo que eu ia, existem atividades que eles fazem que vão mais ao fundo da questão.”;</p> <p>“(…) podemos construir uma história. (…). Eles estão a dar essa história, estão a aprendê-la e podem apresentá-la à turma (…) e de seguida podem construir um castelo (…);</p> <p>“(…) existe (um fio condutor) quando temos uma atividade que é abrangente a toda a escola e aí estamos a trabalhar todos no mesmo sentido, mas, por regularidade, o professor quando vai à sala dar a sua aula, não está a planificar connosco, com aquilo que nós estamos a fazer.”;</p> <p>“Mas isso é algo que vai melhorar no próximo ano letivo. Já estamos a trabalhar nisso (…).”</p> <p>“(…) principalmente, a criatividade (…) a concentração (…) a organização de trabalho, o respeito pelo outro.”;</p> <p>“Quando trabalham em equipa, eles têm de saber que não podem ser egocêntricos, têm que partilhar, ser humildes, respeitar a opinião deles e a opinião dos outros e</p>
--	---	---

	<p>6. Na sua opinião, as artes/expressões, em especial a expressão plástica, são importantes e influenciam o desenvolvimento e o processo de aprendizagem das crianças? Porquê?</p>	<p>respeitar a opinião dos outros é também respeitarem-se a si próprios. As expressões são essenciais para os valores, na interação entre alunos, na solidariedade, na partilha (...);</p> <p>“(...) temos alunos que têm alguma dificuldade na matemática, mas que são extraordinários nas artes, nas expressões e se essas expressões forem trabalhadas em sala, eles não se vão sentir menores, vão sentir-se maiores (...)”.</p> <p>“Sim, sem dúvida. (...) o facto de trabalharmos a orientação espacial, (...) a organização, a criatividade, o respeito, a partilha, vai influenciar o caminho deles no seu processo escolar, porque se tivermos alunos felizes temos bons alunos. Precisamos de ter alunos felizes, alunos motivados, que sejam seres humanos extraordinários e é para isso que nós cá estamos. Torná-los cidadãos no mundo, como se costuma dizer, com outros valores, com outros sentidos. (...) Elas (as expressões) trabalham sentidos e os sentidos são essenciais para o crescimento de cada um deles.”</p>
--	---	--

Tabela 1 - Discurso I

Análise do discurso I

O sujeito começa por afirmar que as expressões, em especial a plástica, são extremamente importantes na sua metodologia. Salienta que as mesmas ajudam a desenvolver a criatividade, a concentração e a autoestima das crianças. Explica que as expressões sendo devidamente trabalhadas ajudam também as crianças a controlar e a entender as suas emoções, a saber trabalhar em grupo e a respeitar regras e o outro, promovendo e desenvolvendo competências sociais.

Destaca as expressões musical e plástica, argumentando que facilitam a transversalidade com as restantes disciplinas. Dá o exemplo da matemática para explicar os benefícios da expressão musical, evidenciando que os alunos ficam mais concentrados, relaxados e motivados ao realizar exercícios ao som de uma música. Ao referir atividades implementadas em sala de aula destaca a presença de música durante o trabalho autónomo, a construção de banda desenhada e a existência de jogos dramáticos.

O sujeito refere que tem aprendido muito com os professores das áreas de expressão, devido ao trabalho mais aprofundado que é feito, comparativamente ao que ele próprio realiza em sala. Sugere a apresentação de histórias à turma e a construção de materiais. Admite haver dificuldade em realizar planificações em conjunto e confessa muitas vezes não existir um fio condutor entre as aulas lecionadas por ele e pelos outros professores. Contudo, reforça que é um aspeto que está a ser trabalhado para ser melhorado.

Considera que as expressões potenciam competências essenciais ao desenvolvimento e aprendizagem dos alunos, tais como, aprender a organizar-se, a partilhar, a ser humildes, solidários com os outros, a respeitar opiniões diferentes das suas, pelas palavras do sujeito, “respeitar a opinião dos outros é também respeitarem-se a si próprios”. Afirma que as expressões trabalham os sentidos (visão, audição, olfato, tato) e que os mesmos são essenciais para o crescimento de cada criança.

Por último, refere ainda a importância do papel do educador/professor para o sucesso escolar dos alunos, salientando que “se tivermos alunos felizes temos bons alunos”.

Discurso II (ver apêndice C)

Categorias	Subcategorias	Unidades de registro
Caracterização	<p>Idade</p> <p>Formação acadêmica</p> <p>Experiência profissional</p>	<p>“Tenho 44 anos.”</p> <p>“Tenho uma licenciatura no curso de formação de professores do 1.º Ciclo e depois tenho outra licenciatura em tradução e interpretação de inglês e francês.”</p> <p>“Dou aulas desde 2001 aqui na escola (18 anos de serviço).”</p>
Importância e influência das artes/expressões, em especial da expressão plástica	<p>1. Qual a importância das artes/expressões na sua pedagogia/metodologia?</p> <p>2. Qual das expressões trabalha mais? Porquê?</p>	<p>“Sim, considero que a expressão plástica é muito importante. É uma área em que eles têm oportunidade de manusear muitos materiais que, às vezes, não conseguem fazer sem ser em contexto de sala de aula.”;</p> <p>“(…) também têm a hipótese de desenvolver a sua criatividade, de mostrar as suas capacidades. Alguns deles são muito criativos, alguns deles adoram esta disciplina, outros têm mais dificuldades (...).”</p> <p>“(…) a educação física. (...) depois vamos para o exterior. (...) em sala de aula talvez seja a expressão plástica, sim, porque eles muitas das vezes terminam os trabalhos e pedem para fazer ou uma dobragem ou um recorte ou uma colagem ou um desenho ou um trabalho de composição.”</p>

	<p>3. Através de que instrumentos e/ou atividades as expressões, em especial a expressão plástica, são implementadas na sala de aula?</p>	<p>“Muitas vezes, faço atividades da matemática em que é necessário também ter recurso à expressão plástica. Vou dar um exemplo: desenha um quadrado vermelho, desenha um retângulo amarelo e um círculo azul. Depois, faço uma avaliação se ele sabe qual é essa figura geométrica e, por outro lado, ao nível da expressão plástica, se ele a conseguiu desenhar corretamente, porque depois eu peço para desenhar, pintar e finalmente recortar e colar (...);</p> <p>“(...) o que fazemos também, mas isso desde sempre, é uma coisa que já vem mesmo de há muitos anos (...) os professores têm muito aquele hábito de fazer a leitura do texto, a seguir trabalhamos as palavras mais complicadas, depois os alunos fazem a sua própria leitura, depois acabam por fazer um pequeno trabalho, digamos que é aquela cópia, mas pronto é um exercício caligráfico e ortográfico e, no final, isto para chegar à expressão plástica, eles fazem a ilustração do texto.”;</p> <p>“(...) quando éramos nós a dar essas disciplinas todas, era mais fácil fazermos essa planificação e darmos continuidade às coisas, agora, (...) quase sempre já não há essa ligação.”</p>
--	---	--

	<p>4. O que aprendeu com as aulas lecionadas pelos professores das áreas de expressão, no sentido de melhorar a metodologia nas diferentes áreas curriculares?</p> <p>5. Quais as aprendizagens que considera que as expressões, em especial a expressão plástica, potenciam?</p> <p>6. Na sua opinião, as artes/expressões, em especial a expressão plástica, são importantes e influenciam o desenvolvimento e o processo de aprendizagem das crianças? Porquê?</p>	<p>“(...) sou sincero, das aulas de expressões aproveito aquilo que eu vejo de bom, mas para trabalhar num futuro próximo ao nível das expressões. Aproveitar para o português, para a matemática e para o estudo do meio, isso não.”</p> <p>“(...) eles trabalham muito a sua motricidade, a sua criatividade, o tornarem-se mais desinibidos, o contacto social, as regras que têm de respeitar.”;</p> <p>“(...) também aprendem a conviver com outros professores, que têm outras ideias, outras maneiras de ser (...)”.</p> <p>“Sim, eu acho que as expressões são mesmo muito importantes. (...) eu tento que eles aprendam através do jogo, a acharem que a matemática é um jogo.”;</p> <p>“Ao nível do teatro, podem ser o que quiserem, podem fazer o que quiserem; ao nível das pinturas, dos desenhos, (...)”;</p> <p>“(...) podem expressar os seus sentimentos através da forma como tocam (...)”;</p> <p>“(...) eu acho que o 1.º Ciclo e a escola não fazem sentido sem as expressões, porque nós na escola vamos ter médicos, cientistas e advogados e por aí fora, mas</p>
--	---	---

		<p>depois vamos ter também músicos espetaculares e pintores fantásticos e grandes atletas e pessoas fantásticas também no teatro e, sem as expressões, nós não conseguimos potenciar as coisas boas que eles têm e muitas vezes, logo desde muito pequeninhos, vemos logo o seu potencial todo (...);</p> <p>“(...) eu valorizo muito essas áreas, as áreas das expressões e tudo o que os tire um bocadinho da sala de aula e de alguma monotonia que, às vezes, acaba por acontecer, mas, de um modo geral, na nossa sociedade, as expressões ainda não têm a importância que deviam ter.”;</p> <p>“Os pais dão sempre muito mais importância ao português, à matemática e ao estudo do meio do que às expressões, (...) eles não ligam tanto e deviam ligar, porque nós não sabemos o que é que estas crianças no futuro vão ser, não sabemos.”</p>
--	--	---

Tabela 2 - Discurso II

Análise do discurso II

O sujeito considera a expressão plástica muito importante, explicando que a mesma permite às crianças manusear diversos materiais, ser criativas e mostrar as suas capacidades.

Tem preferência pelas expressões físico-motora e plástica. A primeira, porque oferece a possibilidade de sair do espaço físico da sala de aula. A segunda, porque lhe permite ir ao encontro dos interesses das crianças e daquilo que elas mais lhe pedem para fazer, como dobragens, recortes, colagens e desenhos.

Como exemplos de atividades realizadas em sala de aula, relaciona a matemática com a expressão plástica através do desenho, pintura, recorte e colagem de figuras geométricas. Relativamente ao português, faz exercícios caligráficos, de leitura, interpretação e ilustração de textos. Reforça também que, antigamente, quando era o professor titular de turma a lecionar as expressões, era mais fácil existir uma ligação entre as áreas de expressão e as restantes áreas curriculares.

Afirma que com os professores das áreas de expressão retira aprendizagens para utilizar futuramente somente a nível das expressões, mas não no que diz respeito às áreas curriculares (matemática, português e estudo do meio).

Considera que as expressões potenciam o desenvolvimento da motricidade, da criatividade, que ajudam as crianças a tornarem-se mais desinibidas, promovendo o contacto social, que as ajuda a aprender a respeitar regras e a conviver com outros professores com diferentes personalidades.

O sujeito afirma que a escola não faz sentido sem as expressões e que as crianças devem ter a oportunidade de experienciar e de ser o que quiserem no futuro, quer seja algo ligado às artes ou não. Atribui grande importância a todas as áreas de expressão, referindo que as mesmas lhes dão liberdade para interpretar personagens, para expressar os seus sentimentos e que lhes possibilita explorar o campo do desporto e de se tornarem grandes atletas.

Salienta também que as mesmas ainda não são devidamente valorizadas tanto por parte dos pais como por parte da sociedade no geral.

Discurso III (ver apêndice D)

Categorias	Subcategorias	Unidades de registo
Caracterização	Idade Formação académica Experiência profissional	“Tenho 34 anos.” “Fiz uma licenciatura no 1.º Ciclo do Ensino Básico na ESEC, em Coimbra.” “Estive já na João de Deus e na Bissaya Barreto, os dois em Coimbra, e estou aqui há 11 anos. No total, 13 anos.”
Importância e influência das artes/expressões, em especial da expressão plástica	1. Qual a importância das artes/expressões na sua pedagogia/metodologia?	“Eu neste momento estou com o 1.º ano, por isso, sem dúvida nenhuma a expressão plástica é mais do que fundamental. Aliás, acho que todas as expressões são essenciais e eles aprendem muito mais quando fazemos algo lúdico , quando fazemos algo que eles possam manusear, manipular, mexer , do que quando estamos simplesmente a falar para eles e aprendem muito mais também uns com os outros. ”; “(...) uso muito origamis, plasticinas , agora com o 1.º ano para fazerem letras, o desenhar a letra na areia . Como o 1.º ano não sabe ler nem escrever no início, usamos muito o desenho, a forma de pintura, de escultura , neste caso, modelagem , para eles poderem expressar-se, o que pensam sobre aquele assunto, como é que eles viram aquela história, como é que a interpretaram (...)”;

		<p>“Tenho um exemplo de como tudo se interliga tão facilmente. Nós fomos a uma visita de estudo e vimos um arco-íris e houve um miúdo que perguntou “Professora, como é que se forma um arco-íris? Porquê que aparecem as cores no céu?” (...). Fizemos experiências, portanto passámos para as ciências, para o estudo do meio e fomos buscar um prisma ao laboratório onde fizemos uma experiência para eles verem como funcionava a refração da luz. Fizemos trabalhos de expressão plástica em que construímos um arco-íris, cada um deles fez uma nuvem e construiu um arco-íris, na cidadania e desenvolvimento escrevemos em cada cor uma qualidade deles, criámos uma história a português em que eles fizeram uma banda desenhada em grupo sobre uma aventura num arco-íris. Na matemática falámos nos amigos do 10, porque através do arco-íris dá precisamente para ver que uma cor começa no 10 e acaba no 0, a outra começa no 9 e acaba no 1.”;</p> <p>“(…) com o novo decreto (…) sentiu-se essa necessidade de intercalar as diferentes disciplinas e perceber que o saber não é estanque (…)”.</p> <p>“A expressão plástica, porque é aquela que se trabalha mais facilmente.”;</p>
--	--	---

	<p>4. O que aprendeu com as aulas lecionadas pelos professores das áreas de expressão, no sentido de melhorar a metodologia nas diferentes áreas curriculares?</p> <p>5. Quais as aprendizagens que considera que as expressões, em especial a expressão plástica, potenciam?</p>	<p>de materiais, outros também que eles vão trazendo de casa (...).”</p> <p>“Eu acho que aprender, aprendemos sempre, (...) as aulas de expressão plástica, mais particularmente, são muito importantes para a organização, para eles aprenderem a organizar a sua mesa de trabalho.”;</p> <p>“(...) lembrei-me de uma técnica que a professora de expressão plástica tinha ensinado ao meu grupo anterior, de afiar o lápis de cera e depois eles com o dedo esborratarem e assim fizeram o fundo da imagem deles.”;</p> <p>“Falávamos da vida e da obra deles (dos pintores) e depois tentávamos sempre retratar um quadro desse pintor e tentar ser fiéis ao quadro que ele fez, mas depois fazíamos o nosso próprio utilizando a técnica dele. Eles aí aprendem não só técnicas de expressão plástica, mas também cultura geral, que é importante nestas idades. (...)”.</p> <p>“A criatividade é aquela que salta logo à vista, que os ajuda a ver as coisas de maneira diferente, até porque hoje em dia o próprio ensino está muito pré-formatado, (...)”;</p> <p>“Na resolução de problemas, por exemplo, eles têm muita dificuldade. A</p>
--	---	--

	<p>6. Na sua opinião, as artes/expressões, em especial a expressão plástica, são importantes e influenciam o desenvolvimento e o</p>	<p>expressão plástica ajuda muito nisto também, o facto de ser uma expressão palpável, que eles conseguem ver e transportar para o dia a dia e para estas questões na matemática. (...) a resolução de problemas não precisa de se centrar tanto nas contas, pode ser também através de gráficos, esquemas, desenhos (...);</p> <p>“(...) motricidade fina, como é óbvio, o recorte, o escrever, o traçar.”;</p> <p>“(...) memória visual, existem muitos miúdos (e graúdos) que muito mais facilmente decoram coisas visualizando, do que apenas ouvindo.”</p> <p>“O sentido de espaço, organização espacial. (...) têm muita dificuldade em organizar um texto e o começar a escrever, perceber que é da esquerda para a direita (...);</p> <p>“(...) muitos dos conteúdos que abordamos são muito abstratos para eles e a expressão plástica, o desenho, o visual permite transformar em prática aquilo que estamos a falar e depois é tudo muito mais apelativo.”.</p> <p>“Sem dúvida alguma, eu acho que influenciam e muito. Eu acho que eles aprendem muito melhor com materiais, sendo eles a manipular, sendo eles a construir, a fazer, do que simplesmente a ouvir ou a fazer uma ficha. Se forem</p>
--	--	---

	<p>processo de aprendizagem das crianças? Porquê?</p>	<p>eles a construir, (...) é algo muito mais palpável.”;</p> <p>“(…) no meu grupo anterior, no 1.º ano, lemos a história da gotinha de água e a partir disso fizemos imensas coisas e falámos logo no ciclo da água, que é uma matéria muito mais avançada. (...) no 3.º ano, eles ainda se lembravam do que tínhamos falado no 1.º ano. Precisamente, porque construíram coisas, fizeram experiências, (...) fizemos um mobile. Eles lembravam-se, essas coisas eles fixam e ficam na cabeça deles (...)”.</p>
--	---	---

Tabela 3 - Discurso III

Análise do discurso III

O sujeito inicia o seu discurso assumindo a importância que todas as expressões, especialmente a plástica, possuem para si e para o trabalho que desenvolve com as suas crianças. Defende que as crianças aprendem melhor através de atividades lúdicas, manuseando, manipulando e mexendo em objetos do que simplesmente ouvindo. Acredita também que eles aprendem muito uns com os outros, trabalhando em conjunto.

Realiza muitas vezes trabalhos manuais e utiliza diversos materiais tais como origamis, plasticina, areia para fazer o desenho da letra. Valoriza o desenho, a pintura e a modelagem, o que ajuda as crianças a expressarem os seus pensamentos e a retirar a sua própria interpretação de histórias.

Trabalha a transdisciplinaridade a partir de questões colocadas pelas crianças. Salienta que o saber não é estanque e acredita que tudo está interligado. Destaca a expressão plástica, porque diz que é aquela que é trabalhada mais facilmente em sala. Apesar disso, esforça-se por utilizar diferentes espaços. O recreio exterior, a biblioteca e a sala de jogos são alguns exemplos.

Utiliza materiais diversificados tais como diferentes tipos de papel, brilhantes, tintas, barro e massa de modelar. Aproveita ainda materiais recicláveis, trazidos de casa pelas crianças e elementos retirados da natureza, como folhas de árvore.

Refere algumas técnicas que tem aprendido com os professores de expressão e salienta que as aulas de expressão plástica têm ajudado as crianças a organizar a sua mesa de trabalho.

Afirma que as expressões potenciam diversas aprendizagens tais como a criatividade, que lhes permite ver e pensar nas coisas de maneira diferente, dando o exemplo da matemática e explicando que na resolução de problemas a expressão plástica se revela fundamental pelo facto de ser uma expressão muito palpável. Menciona também a motricidade fina, a memória visual e a organização espacial.

Salienta ainda que pelo facto de alguns conteúdos serem muito abstratos para eles, a expressão plástica permite a clarificação desses conteúdos através da prática, tornando-os mais apelativos.

O sujeito termina o discurso dizendo que acredita que as expressões influenciam muito o desenvolvimento e o processo de aprendizagem das crianças e reforça a ideia de que as crianças ao vivenciar e experimentar (manipulando, testando, construindo) por si mesmas, mais dificilmente esquecerão aquilo que aprenderam, melhorando as funções da memória de longo prazo.

	<p>2. Através de que instrumentos e/ou atividades as artes/expressões, em especial a expressão plástica, são implementadas na sala de aula?</p>	<p>que os alunos se consciencializem que na vida não existem compartimentos estanques e que possam associar e correlacionar o conhecimento de uma forma natural e espontânea com o que os rodeia, de acordo com os seus pensamentos e práticas no seu quotidiano.”</p> <p>“(…) não só se praticam expressões plásticas, como o desenho e a pintura, como também utilizo outras formas de expressão artística, sendo elas: a gestualidade, a performance, o teatro, a música, a fotografia. (…) o visionamento de filmes (…)”;</p> <p>“Penso que estes métodos os despertam de uma forma aliciante, ativa e imediata, para que se concentrem e interajam inteligentemente numa prática participativa, absorvendo o conhecimento numa atitude leve e construtiva, de uma forma mais colaborativa e didática. Se o espaço o permitir, a disposição das mesas e cadeiras na sala de aula poderão ser em U (…)</p> <p>(…) estando melhor dirigidos para as suas atividades práticas. (…)</p> <p>tornar-se-á mais fluida a mobilidade do docente, pois a sua deslocação tornar-se-á especialmente mais liberta, estabelecendo-se um apoio rápido e direto, cuja comunicabilidade estabelecer-se-á com maior eficácia.”</p>
--	---	--

	<p>3. Quais as aprendizagens que considera que as artes/expressões, em especial a expressão plástica, potenciam?</p> <p>4. Na sua opinião, as artes/expressões, em especial a expressão plástica, são importantes e influenciam o desenvolvimento e o processo de aprendizagem das crianças? Porquê?</p>	<p>“A expressão plástica tem a capacidade de potenciar qualquer aprendizagem, desde que se estabeleçam analogias entre as duas ou tornando-se ela mesma um veículo de transmissão.”;</p> <p>“(…) o docente tem que usar a imaginação (...) para chegar ao entendimento do nível etário dos discentes e os entusiasmar para o conhecimento.”;</p> <p>“(…) tenho constatado que os alunos, no geral, trazem uma grave deficiência adquirida nos primeiros anos de aprendizagem. E quando é necessário criarem e moverem-se em representações abstratas, deparam-se presos a um medo que os impossibilita de se libertarem expressivamente.”</p> <p>“Sim, claro. Nos primeiros anos de escolaridade, ao contrariarem uma criança, que ao desenhar e pintar um sol azul ou um céu verde lhe é transmitido e corrigido para as formas e cores reais da natureza, está-se-lhe a roubar a capacidade de sonhar e de criar no tempo próprio e nobre da sua existência. Toda essa metodologia leva a um atraso no seu desenvolvimento, impedindo o percurso inteligível do conhecimento, pois irá comprometer a aquisição da aprendizagem gradual ao longo do percurso escolar. Surgirá, a seu</p>
--	--	---

		<p>tempo, no seu processo de crescimento, a identificação real do meio em que se inserem, e daí serão eles próprios a aperceberem-se de como é apresentado visivelmente o mundo que os envolve. (...) castrando a criatividade das crianças nas suas primeiras expressões, aprendem a pensar e a expressar-se numa diretiva fechada e comprometida com uma realidade superficial numa pedagogia limitada. (...) pode verificar-se que, nos ciclos posteriores de escolaridade, em muitos dos momentos em que é necessário criarem algo, tanto a nível do desenho e da pintura, como na forma em que se exprimem verbalmente, os alunos ficam bloqueados, pois não lhes foi permitido, ao longo do tempo, o desenvolvimento da criatividade e liberdade de expressão na representação dos seus sentimentos e emoções. (...)”.</p>
--	--	---

Tabela 4 - Discurso IV

Análise do discurso IV

Sendo o sujeito especializado em artes visuais, faz-lhe todo o sentido privilegiar as artes/expressões, especialmente, a expressão plástica, onde a criatividade se manifesta de uma forma evidente. O sujeito considera que a arte nas diversas expressões é extremamente benéfica relativamente aos desenvolvimentos cognitivo e terapêutico.

Relaciona os conteúdos pedagógicos da disciplina que leciona (educação visual) com os de outras disciplinas, pois acredita que não existem “compartimentos estanques” e que todo o conhecimento se pode interligar naturalmente com as experiências que os alunos vivem no seu dia a dia e com o ambiente que os rodeia.

Na sua prática, não só utiliza técnicas de expressão plástica, como o desenho e a pintura, como também outras formas de expressão artística, tais como, a gestualidade, a performance, o teatro, a música, a fotografia e o visionamento de filmes. Defende que este tipo de métodos ajuda os alunos a concentrarem-se e a interagir de uma forma mais participativa, colaborativa e didática.

Salienta também a importância de uma disposição de sala diferente do habitual, dando o exemplo do formato em U. Refere que a mesma se torna mais produtiva para os alunos e mais facilitadora para o professor, permitindo-lhe deslocar-se mais facilmente e estabelecer um contacto mais próximo com os alunos.

Afirma que a expressão plástica tem a capacidade de potenciar qualquer aprendizagem, desde que o docente use a sua imaginação para, através dela, conseguir chegar aos alunos e despertar o seu interesse e entusiasmo para aprender.

O sujeito assume a importância e a influência que as artes/expressões têm no desenvolvimento e na aprendizagem das crianças. Refere que, ao longo da sua experiência, tem verificado que os alunos vêm pouco preparados a nível artístico e que isso se reflete na imensa dificuldade que sentem ao expressar-se, quer verbalmente, quer artisticamente. Sendo pouco criativos e tendo medo de exprimir os seus sentimentos e emoções, pelo facto de os mesmos terem sido reprimidos durante a sua infância. Reforça ainda que lhes foi roubada a capacidade de sonhar e de criar no seu próprio tempo.

4.2. Discussão dos Resultados

Convergências nos discursos

De modo a realizar-se uma análise mais detalhada, procedemos à triangulação dos dados recolhidos em cada discurso.

Relativamente a este método designado por triangulação, Denzin (1978, citado por Duarte, 2009) baseou-se em autores como Campbell & Fiske (1959) e Webb *et al.* (1966) para argumentar que “uma hipótese testada com o recurso a diferentes métodos poderia ser considerada mais válida do que uma hipótese testada unicamente com o uso de um único método.” (p. 11). É exatamente isso que faremos. Neste caso, recorrer a mais do que uma fonte (quatro sujeitos) para testar uma mesma hipótese (questão de partida), dando resposta aos objetivos delineados inicialmente.

Começamos por comparar as respostas dos vários sujeitos, questão a questão, seleccionando as convergências evidentes nos seus discursos.

Questões	Convergências nos discursos
1. Qual a importância das artes/expressões na sua pedagogia/metodologia?	Todos os sujeitos consideram que as expressões são importantes para si e para a sua metodologia. Nos discursos I e II, os sujeitos salientam a criatividade como uma das principais competências a ser desenvolvida. Nos discursos II e III é referido o manuseamento de materiais. Nos discursos I e III, ambos os sujeitos referem que valorizam muito o trabalho em grupo, explicando que as crianças também aprendem umas com as outras. Nos discursos III e IV, os sujeitos acreditam que tudo se interliga, que o saber não é estanque e que é possível não só relacionar o conhecimento entre as várias áreas curriculares/disciplinas como com as experiências que as crianças vivem no seu dia a dia.

<p>2. Qual das expressões trabalha mais? Porquê?</p>	<p>Todos os sujeitos referem a expressão plástica como aquela que trabalham mais.</p> <p>Os sujeitos I e III afirmam que a expressão plástica é a mais fácil de ser trabalhada transversalmente com as restantes áreas curriculares.</p>
<p>3. Através de que instrumentos e/ou atividades as expressões, em especial a expressão plástica, são implementadas na sala de aula?</p>	<p>Todos os sujeitos deram alguns exemplos de atividades que fazem em sala com os seus alunos e materiais que utilizam, embora existam algumas diferenças no tipo de trabalho que é desenvolvido.</p>
<p>4. O que aprendeu com as aulas lecionadas pelos professores das áreas de expressão, no sentido de melhorar a metodologia nas diferentes áreas curriculares?</p>	<p>Os sujeitos I e III referem que aprenderam com os professores das áreas de expressão no sentido de aplicar essas aprendizagens nas suas aulas. Ambos os sujeitos dão exemplos de técnicas e de diferentes abordagens.</p>
<p>5. Quais as aprendizagens que considera que as expressões, em especial a expressão plástica, potenciam?</p>	<p>Todos os sujeitos salientam a criatividade como uma das competências chave a ser potenciada pelas expressões.</p> <p>Nos discursos II e III, os sujeitos destacam o desenvolvimento da motricidade fina.</p> <p>Nos discursos I e III, os sujeitos mencionam que a expressão plástica ajuda os alunos a serem mais organizados.</p>
<p>6. Na sua opinião, as expressões, em especial a expressão plástica, são importantes e influenciam o desenvolvimento e o processo de aprendizagem dos alunos? Porquê?</p>	<p>Todos os sujeitos partilham da mesma opinião e assumem que as expressões são, de facto, muito importantes e que influenciam bastante o desenvolvimento e o processo de aprendizagem das crianças.</p> <p>Quanto à justificação da sua resposta, cada um dos sujeitos salienta diferentes aspetos, todos eles importantes.</p>

Tabela 5 - Convergências nos discursos

Face aos objetivos propostos inicialmente:

- A.** Conhecer a importância dada pelos professores às artes/expressões;
- B.** Identificar as metodologias utilizadas no desenvolvimento das expressões, em especial, da expressão plástica;
- C.** Compreender a valorização dada às artes/expressões em relação às outras áreas curriculares;
- D.** Compreender se as artes/expressões influenciam o desenvolvimento e o processo de aprendizagem das crianças.

Ora, para dar resposta a estes quatro objetivos através da entrevista, foram criadas seis questões. Na tabela seguinte, podemos observar quais as questões que dão resposta aos diferentes objetivos.

Objetivos	Questões
A, B	1. Qual a importância das artes/expressões na sua pedagogia/metodologia?
A, B	2. Qual das expressões trabalha mais? Porquê?
B	3. Através de que instrumentos e/ou atividades as expressões, em especial a expressão plástica, são implementadas na sala de aula?
C	4. O que aprendeu com as aulas lecionadas pelos professores das áreas de expressão, no sentido de melhorar a metodologia nas diferentes áreas curriculares?
C, D	5. Quais as aprendizagens que considera que as expressões, em especial a expressão plástica, potenciam?
D	6. Na sua opinião, as expressões, em especial a expressão plástica, são importantes e influenciam o desenvolvimento e o processo de aprendizagem dos alunos? Porquê?

Tabela 6 - Correspondência entre os objetivos e as questões da entrevista

Feita a correspondência entre os objetivos da investigação e as questões da entrevista, extrairemos as conclusões evidenciadas nos quatro discursos.

Conclusões retiradas das evidências dos discursos	
Resposta aos objetivos	<p style="text-align: center;">A</p> <ul style="list-style-type: none"> • Todas as expressões são consideradas importantes para a metodologia dos professores, destacando-se a expressão plástica, devido a diversas razões salientadas pelos sujeitos: <ol style="list-style-type: none"> a) Uma das principais competências a ser desenvolvida pelas crianças é a criatividade. b) O manuseamento, a exploração e a construção de materiais por parte das crianças são preferíveis do que “simplesmente ouvir ou fazer uma ficha” (D. III), revelando-se essenciais para a construção de uma aprendizagem significativa. c) O trabalho em grupo é bastante valorizado, pois as crianças têm oportunidade de aprender umas com as outras. d) O saber não é estanque, é possível relacionar o conhecimento das diversas áreas curriculares/disciplinas com as experiências que as crianças vivem no seu dia a dia.
Resposta aos objetivos	<p style="text-align: center;">B</p> <ul style="list-style-type: none"> • A expressão plástica destaca-se em relação às restantes, por ser mais facilmente trabalhada de forma transversal com as restantes áreas curriculares. • Referem-se alguns instrumentos e/ou atividades que se realizam para trabalhar as expressões, tais como: <ol style="list-style-type: none"> a) Audição de músicas relaxantes durante o trabalho autónomo e realização de jogos dramáticos (D. I); b) Atividades de matemática com recurso à expressão plástica (D. II); c) Utilização de diversos materiais, como plasticina, diferentes tipos de papel, tintas, barro e massa de modelar. Elaboração de atividades como enfeitar letras com folhas de árvore, brilhantes, plasticina, entre outros; rolos que se vão rodando para formar palavras e treinar a leitura; tampas de plástico para construção de um jogo do galo (D. III); d) Atividades como o desenho e a pintura; utilização de diferentes formas de expressão artística, como a gestualidade, a performance, o teatro, a música, a fotografia e o visionamento de filmes (D. IV).

	<ul style="list-style-type: none"> • A utilização de métodos como estes desperta as crianças para uma prática mais participativa, colaborativa e didática. Proporcionar, sempre que possível, uma disposição de sala diferente do habitual, de modo a que o professor esteja mais disponível e estabeleça uma comunicação mais próxima com os alunos.
C	<ul style="list-style-type: none"> • Admite-se a importância que a expressão plástica possui e as potencialidades que com ela crescem ao ser trabalhada transversalmente com as restantes áreas curriculares. Contudo, esta área de expressão, tal como as outras, ainda não é devidamente valorizada tanto por parte dos pais como por parte da sociedade no geral.
D	<ul style="list-style-type: none"> • Assume-se que as expressões, em especial a expressão plástica, são verdadeiramente importantes e influenciam bastante o desenvolvimento e o processo de aprendizagem das crianças, pelas mais variadas razões. Entre elas: <ol style="list-style-type: none"> a) Salienta-se a criatividade como uma das competências chave a ser potenciada (domínio artístico); b) Destacam-se o desenvolvimento da motricidade fina e das capacidades de concentração e de organização (domínio cognitivo); c) O trabalho em equipa, que potencia valores como o respeito pelo outro, a partilha e a humildade (domínio socio-emocional); d) Evidencia-se a resolução de problemas, capaz de transformar conceitos abstratos em algo mais concreto (domínio cognitivo); e) O desenvolvimento da memória visual (domínio cognitivo); f) O contacto com diferentes materiais, permitindo a sua manipulação o que, por sua vez, resulta numa aprendizagem duradoura e muito mais significativa (domínio cognitivo); <p>“Precisamente, porque construíram coisas, fizeram experiências, (...). Eles lembravam-se, essas coisas eles fixam e ficam na cabeça deles (...)” (D. III).</p> <ol style="list-style-type: none"> g) A liberdade de poder expressar os seus sentimentos, interesses e gostos (domínio artístico).

Tabela 7 - Conclusões retiradas das evidências dos discursos tendo em conta os objetivos da investigação

Acresce a toda a informação que a tabela anterior nos fornece uma outra conclusão que pôde ser retirada, tanto através de evidências presentes no discurso IV como através da observação realizada na PES no 1.º CEB e em experiências de vida. O facto de os alunos seguirem para o ensino básico pouco preparados a nível artístico. Segundo a experiência enquanto docente do sujeito IV, os alunos sentem imensa dificuldade em criar representações abstratas e em expressar-se, encontrando-se “presos a um medo que os impossibilita de se libertarem expressivamente.” (D. IV).

Isto remete-nos para a falta de liberdade de expressão criativa e outras limitações com que as crianças se deparam. Lubart (2007) demonstra-nos como o ambiente escolar pode estar relacionado com o desenvolvimento da criatividade, explicando que “vários estudos empíricos têm mostrado que os professores podem ter uma conceção particular do aluno ideal, valorizando a obediência e o conformismo, em detrimento de traços como a curiosidade ou a independência.” (p. 79). Reforça também o impacto que a personalidade do professor pode exercer na *performance* criativa dos alunos. Sendo o professor visto como um modelo a seguir pelas próprias crianças, a sua postura relativamente à expressão criativa pode potenciar ou limitar essa criatividade.

Copley (1997, citado por Lubart, 2007) nomeia algumas características comuns aos professores que promovem a criatividade:

Eles encorajavam a aprendizagem independente, desenvolviam um ensino em cooperação, motivavam os estudantes a aprender os factos a fim de adquirir as bases sólidas para o pensamento divergente, encorajavam o pensamento flexível, evitavam julgar as ideias dos estudantes antes que elas não tivessem sido consideradas, favoreciam a autoavaliação das ideias, ouviam seriamente as questões e sugestões dos estudantes, ofereciam as oportunidades de trabalho com uma grande diversidade de material e de condições variadas, ajudavam os estudantes a ultrapassar frustrações e o malogro de modo que tivessem a coragem de prosseguir em direção a novas ideias (p. 80).

Outro fator de extrema importância relativamente ao desenvolvimento da criatividade é o papel que as emoções desempenham nesse desenvolvimento. Abele (1992, citado por Lubart, 2007), através dos seus estudos, defende que “o estado emocional positivo favorece a

criatividade qualquer que seja o interesse da tarefa, provocando uma certa descontração dos indivíduos.” (p. 63).

Ora, de acordo com este autor, o estado de espírito, o humor, as emoções sentidas pela criança vão influenciar a sua expressão criativa. Portanto, para que a criança seja o mais criativa possível é importante que ela se sinta bem consigo mesma, feliz, tranquila, de modo a encontrar a motivação necessária para a realização das tarefas propostas.

Considerações Finais

“O professor deve ser um artista no sentido mais amplo da palavra, e todo o ensino deve ser uma obra de arte.” (Lanz, 2016, p. 50)

Tal como Amado (2000), também nos revemos neste dilema: “para o investigador, a análise nunca está acabada, suficientemente completa. As zonas de sombra inquietam-no tanto quanto o sentido escondido e o mais fundamentado das suas deduções; mas a marcha da análise é limitada pelas possibilidades práticas” (p. 60). Contudo, acreditamos que tanto a questão de partida como os objetivos foram confirmados.

Assim sendo, esta investigação propôs-se a responder à seguinte questão de partida:

- Qual a importância e a influência que as artes/expressões, em especial, a expressão plástica têm no desenvolvimento e aprendizagem da criança?

De forma a responder a esta questão, teremos em conta cada objetivo estabelecido, apresentando as conclusões retiradas dos mesmos.

- A. Conhecer a importância dada pelos professores às artes/expressões;
- B. Identificar as metodologias utilizadas no desenvolvimento das expressões, em especial, da expressão plástica;
- C. Compreender a valorização dada às artes/expressões em relação às outras áreas curriculares;
- D. Compreender se as artes/expressões influenciam o desenvolvimento e o processo de aprendizagem das crianças.

Após uma análise detalhada das entrevistas realizadas aos três professores do 1.º CEB e à artista plástica e professora de educação visual do 3.º CEB e secundário, confirmou-se que tanto a expressão plástica, como todas as outras - dramática, musical e físico-motora - são importantes e influenciam o desenvolvimento e o processo de aprendizagem das crianças a nível dos domínios cognitivo, socio-emocional e artístico. Rodrigues (2002) salienta que o desenvolvimento de atividades artísticas “é essencialmente uma atitude pedagógica diferente, não centrada na produção de obras de arte, mas na criança, no desenvolvimento das suas capacidades e na satisfação das suas necessidades” (p. 160).

Posto isto, conclui-se que as artes/expressões são importantes e influenciam positivamente e construtivamente o desenvolvimento e o processo de aprendizagem da criança, porque:

1. Proporcionam o desenvolvimento da criatividade (domínio artístico);
2. Possibilitam o contacto com diferentes materiais, permitindo as suas manipulação, exploração e construção o que, por sua vez, resulta numa aprendizagem duradoura e muito mais significativa (domínios cognitivo e artístico);
3. Permitem o desenvolvimento da motricidade fina e das capacidades de concentração e de organização (domínio cognitivo);
4. Promovem o trabalho em grupo, que por sua vez potencia valores como o respeito pelo outro e pela sua opinião, a partilha e a humildade (domínio socio-emocional);
5. Ajudam a resolver problemas através da prática, transformando conceitos abstratos em algo mais concreto (domínio cognitivo);
6. Permitem relacionar o conhecimento das diferentes áreas curriculares com as experiências vividas pelas crianças no seu dia a dia;
7. Proporcionam o desenvolvimento da memória visual (domínio cognitivo);
8. Permitem à criança expressar, livremente, os seus sentimentos, interesses e gostos (domínio artístico).

Embora se admita a importância que a expressão plástica possui, assim como as restantes, e as potencialidades que com ela crescem ao ser trabalhada transversalmente com as diferentes áreas curriculares, ainda não lhe é dado o devido valor tanto por parte dos pais como por parte da sociedade no geral. Nas palavras de Lanz (2016):

A atividade artística não cansa, mas regenera. Por isso, um ensino que apelar aos mesmos sentimentos que as artes e ainda contiver, em seu currículo, muitas atividades e matérias artísticas, não cansará os alunos, mas desenvolverá forças anímicas vivas, que por sua vez fecundarão e harmonizarão as forças vitais do organismo (p. 51).

Conceitos como criatividade, concentração, respeito, organização, trabalho em equipa, partilha, solidariedade, motivação e valores estão presentes ao longo do discurso I, o que me deixa verdadeiramente feliz, em parte porque tive a oportunidade de observar e comprovar que

muitos deles eram postos em prática ou que pelo menos existia uma tentativa para que tal acontecesse.

Por outro lado, isto acontecia somente em forma de diálogo e, como tal, algumas crianças esqueciam-se rapidamente daquilo que tinha sido falado e voltavam a repetir os mesmos comportamentos, pelos quais tinham sido repreendidas anteriormente. Lanz (2016) relembra-nos que “quando a criança está envolvida sentimentalmente no processo de aprendizado, os conteúdos também se gravam mais rápida e profundamente na memória. (...) Emoções e vivências intensas devem acompanhar o ensino de todas as matérias.” (p. 50).

Por este motivo, torna-se importante o “fazer”, o demonstrar que é possível através de ações e não somente de palavras. O professor deve tentar chegar à criança através dos sentimentos, de uma forma calma, mas ao mesmo tempo firme. O mesmo autor reforça que

a função do professor é, basicamente, trazer o mundo para dentro da sala de aula. É esse o verdadeiro ensino. Cada dia de aula deveria ser, para os alunos, uma série de vivências que lhes despertassem a admiração, o entusiasmo diante das maravilhas do mundo (...) (p. 50).

Foi precisamente a partir de razões como esta que surgiu o tema do presente relatório final. É exatamente esse o meu desejo enquanto futura educadora e professora. Trazer o mundo para dentro da sala. Transformar cada dia em algo especial, mágico e as artes têm esse poder. O de tornar cada vivência única.

A experiência e respostas encontradas neste percurso são, em simultâneo, uma proposta para que estes resultados possam alargar o âmbito da reflexão sobre o papel das artes/expressões no desenvolvimento e aprendizagem da criança, e ajudar a fundamentar intervenções que promovam uma melhor atenção sobre o desenvolvimento da criança.

Em consonância com a recomendação anterior, gostaríamos de ver criada uma estrutura institucional com o objetivo de validar a prática de intervenções artísticas e expressivas. Isto é, transformar a teoria em ações, dar o devido valor através da implementação destas práticas.

O grande desafio destes estágios, ultrapassando a vivência pessoal intransferível, foi o de encontrar a confirmação para um percurso profissional no qual me projeto.

Bibliografia

- Aires, L. (2011). *Paradigma qualitativo e práticas de investigação educacional*. Lisboa: Universidade Aberta. Obtido em: <https://repositorioaberto.uab.pt/handle/10400.2/2028>
- Alonso, L. (2007). Perfil profissional e projecto de formação. In A. Lopes (org.). *De uma escola a outra: temas para pensar a formação inicial de professores*. Porto: Edições Afrontamento/CIIE.
- Amado, J. (2000). *A técnica de análise de conteúdo*. Revista Referência, 5, pp. 53-63.
- Bardin, L. (1977). *Análise de conteúdo*. Lisboa: Edições 70.
- Bell, J. (1997). *Como Realizar um Projeto de Investigação*. Lisboa: Gradiva.
- Bogdan, R. & Biklen, S. (2013). *Investigação qualitativa em Educação: uma introdução à teoria e aos métodos*. Porto: Porto Editora.
- Carlgren, F. & Klingborg, A. (2014). *Educação para a liberdade: a Pedagogia de Rudolf Steiner*. São Paulo: Escola Waldorf Rudolf Steiner.
- Coutinho, C.; Sousa, A.; Dias, A.; Bessa, F.; Ferreira, M. & Vieira, S. (2009). *Investigação-acção: metodologia preferencial nas práticas educativas*. Instituto de Educação. Universidade do Minho. Obtido em: <http://repositorium.sdum.uminho.pt/handle/1822/10148>
- Damásio, A. (s.d.). UNESCO Conference on Arts and Education. *Brain, Art and Education*, pp. 1-15. Los Angeles, Califórnia. Obtido em: <http://educacaoartistica.dge.mec.pt/artigos.html>
- Delors, J. (1996). *Educação – Um tesouro a descobrir*. Porto: Edições ASA.

-
- Dewey, J. (1978). *Vida e Educação*. (Tradução e estudo preliminar por Anísio Teixeira). São Paulo: Edições Melhoramentos.
- Dewey, J. (2007). *Democracia e Educação*. Lisboa: Didáctica.
- Duarte, T. (2009). *A possibilidade da investigação a 3: reflexões sobre triangulação (metodológica)*. Lisboa: CIES, ISCTE.
- Flick, U. (2005). *Métodos Qualitativos na Investigação Científica*. Lisboa: Editora Monitor.
- Fróis, J. P.; Marques, E. & Gonçalves, R. (2000). A Educação Estética e Artística na Formação ao Longo da Vida. In J. P. Fróis (Coord.). *Educação Estética e Artística - Abordagens transdisciplinares*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- Gray, J. (1989). *Dance Instruction – Science Applied to the Art of Movement*. Champaign: Human Kinetics Books.
- Kügelgen, H. V. (1984). *A Educação Waldorf: aspectos da prática pedagógica*. São Paulo: Antroposófica.
- Lanz, R. (2016). *A pedagogia Waldorf: caminho para um ensino mais humano*. São Paulo: Antroposófica.
- Leite, E. (1992). Artes Plásticas: um contributo para as novas perspectivas sobre educação. In Compilação das comunicações apresentadas no Colóquio *Educação pela Arte – Pensar o Futuro*. Lisboa: ACARTE, Fundação Calouste Gulbenkian.
- Lubart, T. (2007). *Psicologia da Criatividade*. Porto Alegre: Artmed.
- Marques, E. (2011). O Espaço da Arte na Educação. In J. B. Xavier. *Arte e Delinquência*, pp. 67-81. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.

-
- Morais, F. & Medeiros, T. (2007). *Desenvolvimento Profissional do Professor: A Chave do Problema?* Ponta Delgada: Universidade dos Açores.
- Moresi, E. (2003). *Metodologia da Pesquisa*. Brasília: Universidade Católica de Brasília.
- Nicolau, M. (Coord.) (1987). *A Educação Artística da Criança – Plástica & Música*. São Paulo: Editora Ática.
- Porcher, L. (Org.) (1982). *Educação Artística: luxo ou necessidade?* São Paulo: Summus.
- Read, H. (1982). *A Educação pela Arte*. Lisboa: Edições 70.
- Rodrigues, D. (2002). *A Infância da Arte, a Arte da Infância*. Porto: Edições Asa.
- Saint-Exupéry, A. (1946). *O Príncipezinho*. Lisboa: Publicações Europa-América.
- Sanches, I. (2005). *Compreender, Agir, Mudar, Incluir. Da investigação-ação à educação inclusiva*. Revista Lusófona de Educação.
- Silva, A. S. & Pinto, J. M. (1986). *Metodologia das Ciências Sociais*. Porto: Edições Afrontamento.
- Sousa, A. (2003). *Educação pela Arte e Artes na Educação – 3.º Volume*. Lisboa: Instituto Piaget.
- Sousa, A. (2017). *Educação pela Arte e Artes na Educação – 1.º Volume*. Lisboa: Edições Piaget.
- UNESCO (2006). *Roteiro para a Educação Artística: Desenvolver as Capacidades Criativas para o Século XXI*. (F. Agarez, Trad.) Lisboa: Comissão Nacional da UNESCO.

Vasconcelos, T. (2016). *Aonde pensas tu que vais? Investigação etnográfica e estudos de caso*. Porto: Porto Editora.

Vygotsky, L. (2009). *A Imaginação e a Arte na Infância*. Lisboa: Relógio D'Água Editores.

Yenawine, P. (2000). Da teoria à prática: estratégias do pensamento visual. In J. P. Fróis (Coord.). *Educação Estética e Artística - Abordagens transdisciplinares*, pp. 191-200. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.

Yin, R. (2005). *Estudo de Caso. Planejamento e Métodos*. Porto Alegre: Bookman.

Legislação consultada

Decreto-Lei n.º 54/2018 de 6 de julho, D. R. n.º 129, I Série. Educação Inclusiva.

Lei n.º 49/2005 de 30 de agosto, D. R. n.º 166, I Série - A. Segunda alteração à Lei de Bases do Sistema Educativo.

Decreto-Lei n.º 344/90 de 2 de novembro, D. R. n.º 253, I Série. Organização da educação artística pré-escolar, escolar e extra-escolar.

Anexos

Anexo I - Declaração de autorização de depósito no repositório comum



ANEXO I

DECLARAÇÃO DE AUTORIZAÇÃO DE DEPÓSITO NO REPOSITÓRIO COMUM Decreto-Lei n.º 115/2013, de 7 de agosto

Considerando que a legislação em vigor referente ao depósito legal de dissertações e teses - artigo 50.º, do Decreto-Lei n.º 115/2013, de 7 de agosto, obriga ao depósito de uma cópia digital das teses e outros trabalhos de doutoramento e das dissertações de mestrado num repositório integrante da rede RCAAP - Repositório Científico de Acesso Aberto de Portugal, o(a)

Ana Catarina Nunes Pires

Portador do Cartão de Cidadão n.º 12990422

Autor do Trabalho de Projeto / Relatório Final / Dissertação de Mestrado

Intitulado/a: A Importância das Artes/Expressões no Desenvolvimento e Aprendizagem da Criança

Concluído/a em 24/04/2020

Declara, sob compromisso de honra, que:

1. O Trabalho de Projeto / Relatório final / Dissertação entregue e que conduziu à atribuição do grau é um trabalho original e detenho todos os direitos de autor;
2. Concedo ao Instituto Piaget, entidade instituidora da Escola Superior de Educação Jean Piaget de Almada, uma licença não-exclusiva para a/o arquivar e tornar acessível em formato digital no Repositório Comum, ou em qualquer outro repositório que a Instituição venha a utilizar, com o seguinte estatuto:

Acesso aberto

Acesso restrito

Acesso fechado

Acesso Embargado¹ até ___/___/___

Email: anacatarinapires3@hotmail.com Contacto tlf: _____

Data: 24/04/2020

Assinatura: Ana Catarina Pires

¹Após a data indicada, o documento fica disponível em Acesso Aberto.

Anexo II - Licença de distribuição não exclusiva - repositório comum



ANEXO II

LICENÇA DE DISTRIBUIÇÃO NÃO EXCLUSIVA – REPOSITÓRIO COMUM

Ao depositar no Repositório Comum, os autores devem concordar com a seguinte licença de utilização:

LICENÇA DE DISTRIBUIÇÃO NÃO-EXCLUSIVA

Ao depositar um documento no Repositório Comum, o/a Sr./Sra.:

Ana Catarina Nunes Pires

- a) Concede à FCCN o direito não-exclusivo de reproduzir, converter (como definido em baixo), disponibilizar, comunicar e/ou distribuir o documento entregue (incluindo o resumo/abstract) em formato digital, no quadro e para os fins e objetivos do projeto RCAAP.
- b) Declara que o documento entregue é seu trabalho original, e que detém o direito de conceder à FCCN os direitos referidos na alínea anterior ou que obteve do respetivo titular as necessárias permissões para essa concessão.
- c) Declara que a concessão à FCCN dos direitos referidos na alínea a), não infringe, tanto quanto lhe é possível saber, os direitos de qualquer outra pessoa ou entidade e que o conteúdo do documento disponibilizado não viola direitos de terceiros.
- d) Declara acautelar que os documentos por si disponibilizados não contêm informações sigilosas ou confidenciais relativas à sua atividade educativa ou profissional, nomeadamente em termos de marcas, patentes ou segredos industriais ainda não registados ou atribuídos pelas entidades competentes.
- e) Declara que os documentos contêm todas as referências bibliográficas, editoriais, e a referência aos respetivos programas financiadores e apoios institucionais (se aplicável).

A FCCN identificará claramente o(s) autor(es) do documento entregue, e não fará qualquer alteração, para além das permitidas por esta licença.

O autor pode solicitar que o seu documento seja retirado do Repositório Comum.

Data: 24/04/2020

Assinatura: Ana Catarina Pires

Apêndices

Apêndice A - Guião da Entrevista aos Professores de 1.º Ciclo do Ensino Básico

Blocos	Tema do Bloco	Tópicos / Questões	Objetivos
A	Legitimação da entrevista	-	<ul style="list-style-type: none"> • Informar o entrevistado dos objetivos e âmbito da entrevista; • Pedir autorização para gravar a entrevista em formato de áudio; • Garantir a confidencialidade dos dados recolhidos.
B	Caracterização do entrevistado	<ul style="list-style-type: none"> • O que pode dizer-me sobre si? Idade; Formação Académica, Experiência Profissional, Tempo de Serviço na Instituição. 	<ul style="list-style-type: none"> • Caracterizar o entrevistado.
C	Importância e influência das Expressões, em especial, da Expressão Plástica em relação à metodologia desenvolvida pelo professor e ao processo de aprendizagem dos alunos	<ol style="list-style-type: none"> 1. Qual a importância das artes/expressões na sua pedagogia/metodologia? 2. Qual das expressões trabalha mais? Porquê? 3. Através de que instrumentos e/ou atividades as expressões, em especial a expressão plástica, são implementadas na sala de aula? 4. O que aprendeu com as aulas lecionadas pelos professores das áreas de expressão, no sentido de 	<ul style="list-style-type: none"> • Conhecer a importância das artes/expressões para o professor de 1.º CEB; • Identificar as metodologias utilizadas no desenvolvimento das artes/expressões, em especial, da expressão plástica;

		<p>melhorar a metodologia nas diferentes áreas curriculares?</p> <p>5. Quais as aprendizagens que considera que as expressões, em especial a expressão plástica, potenciam?</p> <p>6. Na sua opinião, as artes/expressões, em especial a expressão plástica, influenciam o desenvolvimento e o processo de aprendizagem das crianças? Porquê?</p>	<ul style="list-style-type: none"> • Compreender a valorização dada às artes/expressões em relação às outras áreas curriculares; • Compreender se as artes/expressões, em especial a expressão plástica, influenciam o desenvolvimento e o processo de aprendizagem das crianças.
D	Agradecimento	Agradecer a disponibilidade.	

Apêndice B - Transcrição do Discurso I

Bloco B: Caracterização do entrevistado

- *O que pode dizer-me sobre si?*

Resposta:

Tenho 40 anos de idade. A minha formação académica foi realizada no ISCE – Instituto Superior de Ciências Educativas, no curso de Professor de 1.º Ciclo do Ensino Básico (licenciatura). Experiência profissional já são 13 anos e o tempo de serviço aqui nesta instituição são 12.

Bloco C: Importância e influência das Artes/Expressões, em especial, da Expressão Plástica

1. *Qual a importância das artes/expressões na sua pedagogia/metodologia?*

Resposta:

Qualquer uma delas é extremamente importante, quer pela criatividade, quer a concentração que podemos ir buscar. **Há crianças que têm muitos receios em apresentar alguma coisa e não acreditam em si próprias, a expressão plástica é essencial para elas ultrapassarem esses medos.** Para crianças que, para além da confiança, têm uma autoestima extremamente baixa e acreditam sempre que aquilo que estão a fazer não é suficientemente bom. As expressões devidamente trabalhadas são excelentes também **em termos emotivos, o saber trabalhar em grupo, o saber as regras de um jogo, o saber respeitar o outro é essencial.** Para os tais alunos que têm tanta dificuldade em se expressar, em se mostrar aos outros, que têm falta de confiança em si.

2. *Qual das expressões trabalha mais? Porquê?*

Resposta:

Trabalho duas expressões com muita frequência: **a expressão musical e a expressão plástica.** Considero que **em sala é mais fácil ser transversal** com as outras disciplinas, quer utilizando a expressão plástica quer a musical. **Para fazer exercícios de matemática,** por exemplo, a expressão musical é excelente, depende também da música que estão a ouvir, mas é excelente **para se concentrarem e para relaxarem e até ganham uma certa motivação quando estão a trabalhar.** A expressão plástica, porque faz muito sentido trabalhar com as

restantes disciplinas, quer com o português, quer com a matemática, quer com o estudo do meio, encaixa com qualquer uma delas e também trabalho muito por todas as razões e mais algumas, daquelas que eu também já disse anteriormente.

3. Através de que instrumentos e/ou atividades as expressões, em especial, a expressão plástica são implementadas na sala de aula?

Resposta:

Utilizo a **expressão musical**, muitas das vezes, quando estão a fazer algum trabalho em que eu necessite de muita concentração da parte deles, **coloco músicas muito relaxantes, por norma, instrumentais com piano, porque acho que é um dos instrumentos mais calmantes para despertar essa concentração** e tudo mais.

Em termos da **expressão plástica**, tem muito a ver com a transversalidade, por exemplo, se estamos a trabalhar um texto, vamos imaginar que é uma banda desenhada, **eles têm de transformar essa banda desenhada na sua própria banda desenhada e construir um texto**, torna-se muito mais motivante para eles. Uma coisa é eles terem uma banda desenhada e estarem a ler, o que eles até gostam, mas é muito diferente serem eles próprios a construir essa banda desenhada e aí entra a expressão plástica, por exemplo. É um dos exemplos que trabalho em sala.

Também trabalho muitas vezes a **expressão dramática**. Quando fazemos jogos, no Português, como por exemplo, **quando trabalhamos os adjetivos, eles fazem jogos dramáticos para os colegas descobrirem quem é o colega**.

4. O que aprendeu com as aulas lecionadas pelos professores das áreas de expressão, no sentido de melhorar a metodologia nas diferentes áreas curriculares?

Resposta:

Muitas vezes está relacionado com a abrangência e a diversidade de jogos, de ideias que eles têm que nunca me teriam passado pela cabeça, passaram outras, mas não aquelas que eles têm. Eles têm um leque de diversidade de jogos, de ideias e de atividades para fazer com eles completamente diferente daquele que eu tenho e realmente isso foi extraordinário, aprender e ver. Ao longo destes anos, **eu tenho aprendido muito com os meus colegas e não é só isso, é o facto de eles irem mais além daquilo que eu ia, existem atividades que eles fazem que vão mais ao fundo da questão**. Por exemplo, quando falo da expressão musical, o trabalho

que é feito pelo professor é muito diferente daquele que eu faria, porque realmente... Não tenho palavras, é totalmente diferente, porque o professor tanto pega numa flauta, tanto pega numa viola, tanto pega numa bateria, tanto pega em qualquer um dos instrumentos e trabalha, consegue conciliar isto tudo numa aula e eu, muito honestamente, não conseguiria fazê-lo. Portanto, penso que isso é importante, porque, pelo menos quando eu fiz a minha licenciatura, recordo-me de ter trabalhado a flauta, recordo-me disso tudo, mas não me recordo de ter tocado bateria, de ter tocado outros instrumentos que acabem por cativar os alunos e acabe por fazer um trabalho completamente diferente, para além do canto. É muito diferente. E depois nós aprendemos, quando vemos o trabalho dos nossos colegas, aprendemos.

E relativamente à expressão plástica?

A expressão plástica é a expressão que, muito honestamente, sinto menos essa discrepância, entre aquilo que trabalhamos com aquilo que realmente é realizado em sala com o professor de expressão plástica. Claro que é diferente, tem outras atividades, mas tenho mais facilidade em fazê-lo. Também tenho na educação física, mas é diferente. É diferente, porque o professor de educação física quando chega aqui faz uma coadjuvação, é um professor de educação física que não só trabalha com 1.º Ciclo, mas também já com o 2.º e o 3.º Ciclo e isso faz com que aquilo que trabalha com o 1.º Ciclo já seja a pensar num futuro próximo e é um planeamento a longo prazo, a pensar no que vai fazer para preparar para um 2.º Ciclo, ou seja, tem uma visão diferente daquela que nós temos. Na nossa visão, é o programa que temos para o 1.º Ciclo, não temos a visão do que vem a seguir e eles têm essa visão quando pegam numa turma. Quando falo nisso, também falo na expressão dramática, por exemplo, ou na expressão musical. Na expressão plástica não sinto tanto essa discrepância. Penso que isto depois vai de professor para professor, eu tenho muita facilidade nas tintas, no desenho, nesse tipo de trabalhos, mas depois tenho alguma dificuldade, por exemplo, nos origamis. Penso que isso já vai da própria capacidade e do gosto que cada um de nós tem, mas não noto tanta diferença.

Utiliza alguma técnica aprendida nas aulas das áreas de expressão?

Sim, realizando trabalhos específicos. Quando há uma apresentação de um trabalho, por exemplo, estamos a trabalhar o plano nacional de leitura, para ser transversal, **podemos construir uma história**. Vou dar um exemplo: a história da carochinha. **Eles estão a dar essa história, estão a aprendê-la e podem apresentá-la à turma**, utilizamos a expressão dramática, **e de seguida podem construir um castelo** e aí estamos a utilizar a expressão plástica. Isto é feito com alguma regularidade, não tanta como gostaríamos, mas é feito. Acaba por não ser

tanto, porque temos os professores que vêm à sala e que já têm uma planificação para fazer e, muitas vezes, não vai ao encontro daquilo que nós estamos a fazer.

Então não existe um fio condutor?

Muitas vezes não há. Por norma, **existe quando temos uma atividade que é abrangente a toda a escola e aí estamos a trabalhar todos no mesmo sentido**, mas, por regularidade, **o professor quando vai à sala dar a sua aula, não está a planificar connosco, com aquilo que nós estamos a fazer**. Está a fazer o seu trabalho, planifica essa aula e depois nós trabalhamos em coadjuvação, porque quando chega apresenta aquilo que vamos fazer e acabamos por cooperar. Logo, faz com que não tenhamos tanto tempo como gostaríamos para fazer essa transversalidade, às vezes temos tempo para, outras vezes não. São mais as vezes que não temos do que aquelas que temos. Quando éramos nós que dávamos as expressões era mais fácil existir um fio condutor, porque tínhamos algo programado e conseguíamos. Desde o momento em que chegam outros colegas e que vêm dar a sua aula, que é planificada de acordo com aquilo que eles têm de dar, de acordo com o programa, acaba por não ir ao encontro daquilo que estamos a fazer em sala. **Mas isso é algo que vai melhorar no próximo ano letivo. Já estamos a trabalhar nisso**, no sentido de existir o tal fio condutor e se nós estamos a fazer um trabalho, as várias áreas estarem a segui-lo.

5. *Quais as aprendizagens que considera que as expressões, em especial a expressão plástica, potenciam?*

Resposta:

A expressão plástica potencia muitas aprendizagens. A expressão plástica e as outras, qualquer uma delas é essencial. Como são expressões que motivam os alunos, acabam por potencializar muitas áreas, em qualquer sentido, quer a matemática, quer o português, **principalmente, a criatividade**, que é muito importante, **a concentração**, que também é muito importante, **a organização de trabalho, o respeito pelo outro**. Eu sinto, principalmente quando trabalhamos a expressão plástica em sala, sinto que acabamos por criar neles matemáticos. Eu considero que a matemática está muito relacionada com a expressão plástica. Aliás, a matemática está em tudo, nos mais pequenos pormenores. A nível da **formação pessoal e social**, acho que é importantíssimo, porque vai ao encontro do **respeito**. Quando falávamos na educação física e quando eles têm de trabalhar num grupo, numa equipa. **Quando**

trabalham em equipa, eles têm de saber que não podem ser egocêntricos, têm que partilhar, ser humildes, respeitar a opinião deles e a opinião dos outros e respeitar a opinião dos outros é também respeitarem-se a si próprios. As expressões são essenciais para os valores, na interação entre alunos, na solidariedade, na partilha, acho que é essencial e que deve ser sempre trabalhado em sala, porque nós **temos alunos** que têm alguma dificuldade na matemática, mas **que são extraordinários nas artes**, nas expressões e se essas expressões forem trabalhadas em sala, **eles não se vão sentir menores, vão sentir-se maiores**, neste sentido, a partilha é essencial no ensino.

6. *Na sua opinião, as artes/expressões, em especial a expressão plástica, são importantes e influenciam o processo de aprendizagem das crianças? Porquê?*

Resposta:

Sim, sem dúvida. Desde o momento em que estão mais motivados, desde o momento em que aprendem a organizar-se. Isto parece estranho, mas **o facto de trabalharmos a orientação espacial**, que é trabalhada em qualquer uma das expressões, **a organização, a criatividade, o respeito, a partilha, vai influenciar o caminho deles e o seu progresso escolar, porque se tivermos alunos felizes temos bons alunos. Precisamos de ter alunos felizes, alunos motivados, que sejam seres humanos extraordinários e é para isso que nós cá estamos. Torná-los cidadãos no mundo, como se costuma dizer, com outros valores, com outros sentidos.** É importantíssimo! Elas (as expressões) trabalham sentidos e os sentidos são essenciais para o crescimento de cada um deles. Sem dúvida alguma, considero que sim, **que são muito importantes e que influenciam bastante.**

Apêndice C - Transcrição do Discurso II

Bloco B: Caracterização do entrevistado

- *O que pode dizer-me sobre si?*

Resposta:

Tenho 44 anos. Tenho uma licenciatura no curso de formação de professores do 1.º Ciclo e depois tenho outra licenciatura em tradução e interpretação de inglês e francês. Dou aulas desde 2001 aqui na escola. Acabei a primeira licenciatura, depois fui logo tirar a segunda e em 2001 quando terminei, vim aqui a uma entrevista e fiquei.

Bloco C: Importância e influência das Artes/Expressões, em especial, da Expressão Plástica

1. *Qual a importância das artes/expressões na sua pedagogia/metodologia?*

Resposta:

Sim, considero que a expressão plástica é muito importante. **É uma área em que eles têm oportunidade de manusear muitos materiais que, às vezes, não conseguem fazer sem ser em contexto de sala de aula.** Nós pedimos alguns trabalhos específicos, também **têm a hipótese de desenvolver a sua criatividade, de mostrar as suas capacidades.** Alguns deles são muito criativos, alguns deles adoram esta disciplina, outros têm mais dificuldades, não é? Nós agora aqui na escola, em termos das expressões, o próprio professor da turma já não trabalha as expressões, porque existem professores especializados nas áreas: o professor da expressão plástica, da expressão musical, da educação física e da expressão dramática. Deixámos de ser os professores responsáveis, quer dizer, somos à mesma responsáveis pela disciplina, mas não a lecionamos. Estamos só em sala de aula, em conjunto com o outro professor responsável.

E já agora, o que pensa sobre isso?

Tem coisas boas e tem coisas que não são tão boas. Coisas boas... é um professor da área, apesar de nós termos formação também nessa área. Uma pessoa que é especialista, vamos imaginar, na expressão musical, tem muito mais conhecimentos do que eu, consegue fazer outras coisas, isso é um aspeto muito bom para os alunos. Depois, um aspeto que eu não acho tão bom é que deixei de dar essa disciplina, que “a fim ao cabo” é uma coisa que eu gosto de fazer e por isso é que sou professor do 1.º Ciclo, porque gosto destas coisas todas: português,

matemática, estudo do meio, educação física, as expressões todas. Nós demos sempre durante muitos anos aqui na escola. Os professores davam tudo, todas as atividades, todas as expressões e de há uns tempos para cá, as expressões passaram a ter esses professores.

2. *Qual das expressões trabalha mais? Porquê?*

Resposta:

Talvez a que nós ainda fazemos mais, que eles me pedem mais para fazer, seja a **educação física**. *Mas em sala?* Em sala não, **depois vamos para o exterior**. Em sala de aula... **em sala de aula talvez seja a expressão plástica**, sim, porque eles muitas das vezes terminam os trabalhos e **pedem para fazer ou uma dobragem ou um recorte ou uma colagem ou um desenho ou um trabalho de composição**. Talvez seja essa que se trabalha mais em sala de aula, para além do próprio tempo específico dessa disciplina com o outro professor, que é uma hora. A educação física é que são duas horas, uma com o professor específico e outra comigo.

3. *Através de que instrumentos e/ou atividades as expressões, em especial, a expressão plástica são implementadas na sala de aula?*

Resposta:

Eu faço essa ligação com a matemática. **Muitas vezes, faço atividades da matemática em que é necessário também ter recurso à expressão plástica. Vou dar um exemplo: desenha um quadrado vermelho, desenha um retângulo amarelo e um círculo azul, digamos assim. Depois, faço uma avaliação se ele sabe qual é essa figura geométrica e, por outro lado, ao nível da expressão plástica, se ele a conseguiu desenhar corretamente, porque depois eu peço para desenhar, pintar e finalmente recortar e colar**, ele tem de fazer estas coisinhas todas. Depois, pronto, vejo se ao nível da matemática se sabe o que é, o que era o retângulo, isto falando em coisas mais básicas, e depois vejo também como é que ele é ao nível da expressão plástica, se fez tudo em condições.

Sem ser a expressão plástica, muitas vezes, vamos imaginar... a educação física, por exemplo, às vezes, corridas que fazemos, que têm um certo tempo, também está ligado à matemática, contagens crescentes, contagens decrescentes. Ao nível do teatro e das dramatizações que fazemos, isso já não tanto e da expressão musical também não tanto. É mais ao nível da expressão plástica que eu faço essa interligação e, principalmente, com a matemática. Outras vezes, **o que fazemos também, mas isso desde sempre, é uma coisa que já vem**

mesmo de há muitos anos, que é ao nível do português, **os professores têm muito aquele hábito de fazer a leitura do texto, a seguir trabalhamos as palavras mais complicadas, depois os alunos fazem a sua própria leitura**, depois acabam por fazer um pequeno trabalho, digamos que é aquela cópia, mas pronto é um exercício caligráfico e ortográfico **e, no final, isto para chegar à expressão plástica, eles fazem a ilustração do texto.**

O que é trabalhado nessas aulas de expressões é interligado com a sua aula? Existe um fio condutor? O que é trabalhado na expressão plástica tem que ver com o que está a ser feito nas aprendizagens da matemática, do português e do estudo do meio ou são coisas à parte, isoladas?

Vou ser sincero, **quando éramos nós a dar essas disciplinas todas, era mais fácil fazermos essa planificação e darmos continuidade às coisas**, agora, apesar de nós darmos uma planificação aos professores das expressões, já não há tanto essa continuidade, porque, às vezes, estou a fazer uma série de coisas e quando chego à expressão plástica, vamos fazer uma coisa que não tem nada a ver. Muitas vezes acontece isso, **quase sempre já não há essa ligação.** Quando era o próprio professor titular de turma a dar essas disciplinas todas, aí sim ele fazia essa interligação, até por uma questão de motivação e de encadeamento das coisas, para eles não acharem que havia ali uma coisa que não tinha nada a ver.

Isso era benéfico para eles, trazia coisas boas, vamos imaginar, estávamos a falar de um texto de história, das batalhas e das conquistas, sabíamos que íamos ter expressão plástica e agora até podíamos ir tentar construir uma maquete ou uma coisa qualquer assim relacionada ou construir uma máscara ou uma espada ou um escudo ou uma coisa assim, que tivesse ligada com aquilo. Assim não. Pronto, olha, terminámos agora amiguinhos, vamos para a expressão plástica e chegamos lá e, naquele dia, na expressão plástica é para fazer outra coisa, é para fazer uma pintura de um quadro de um pintor famoso, coisas assim.

4. O que aprendeu com as aulas lecionadas pelos professores das áreas de expressão, no sentido de melhorar a metodologia nas diferentes áreas curriculares?

Resposta:

Se aprendo alguma coisa... sou sincero, **das aulas de expressões aproveito aquilo que eu vejo de bom, mas para trabalhar num futuro próximo ao nível das expressões. Aproveitar para o português, para a matemática e para o estudo do meio, isso não.**

5. *Quais as aprendizagens que considera que as expressões, em especial a expressão plástica, potenciam?*

Resposta:

Ao nível das expressões, eu acho que **eles trabalham muito a sua motricidade, a sua criatividade, o tornarem-se mais desinibidos, o contacto social, as regras que têm de respeitar**. Agora que temos outros professores a trabalhar com eles, **também aprendem a conviver com outros professores, que têm outras ideias, outras maneiras de ser**, às vezes são mais abertos outras vezes são mais rígidos e eles têm de aprender, porque depois chegam ao 5.º ano e vão ter muitos professores diferentes e é um grande choque. Assim, deixa também de ser um choque, porque eles já começaram mais cedo a ter isso. Basicamente são essas coisas, a motricidade, a criatividade, o contacto social.

6. *Na sua opinião, as artes/expressões, em especial a expressão plástica, são importantes e influenciam o processo de aprendizagem das crianças? Porquê?*

Resposta:

Sim, eu acho que as expressões são mesmo muito importantes. Temos o português, a matemática, o estudo do meio, que são disciplinas assim mais massudas, mais maçadoras às vezes para eles, fora a matemática, mas a matemática depois também há meninos que têm muita aversão à matemática. Os que não têm, pronto, é uma disciplina mais criativa, onde eles podem fazer muitas coisas com os números, pelo menos é assim que **eu tento que eles aprendam através do jogo, a acharem que a matemática é um jogo**. Depois pronto, as expressões é o outro lado, é o outro lado da moeda, porque eles podem fazer tudo e mais alguma coisa ao nível das expressões. **Ao nível do teatro, podem ser o que quiserem, podem fazer o que quiserem; ao nível das pinturas, dos desenhos**, ao nível da educação física, os rapazes por norma são muito bons na educação física e gostam muito da educação física, embora também haja meninas a fazer muito bem. Na música, a mesma coisa, **podem expressar os seus sentimentos através da forma como tocam**, ou seja, como é que eu hei de dizer, **eu acho que o 1.º Ciclo e a escola não fazem sentido sem as expressões, porque nós na escola vamos ter médicos, cientistas e advogados e por aí fora, mas depois vamos ter também músicos espetaculares e pintores fantásticos e grandes atletas e pessoas fantásticas também no teatro e, sem as expressões, nós não conseguimos potenciar as coisas boas que eles têm e muitas vezes, logo desde muito pequeninhos, vemos logo o seu potencial todo** e dizemos logo: este amiguinho um dia pode

ser um grande pintor, é uma pessoa muito criativa, já tem imenso jeito para o teatro, um dia pode ser um grande ator ou um grande músico.

Temos o português, a matemática, o estudo do meio e as expressões, na sua opinião, acha que todas essas áreas são valorizadas da mesma forma?

Não, eu acho que ainda não... da minha parte, **eu valorizo muito essas áreas, as áreas das expressões e tudo o que os tire um bocadinho da sala de aula e de alguma monotonia** que, às vezes, acaba por acontecer, **mas, de um modo geral, na nossa sociedade, as expressões ainda não têm a importância que deviam ter.** Os pais estão sempre muito atentos ao português, claro é muito importante, os erros e a escrita e saber ler, fazer textos e tudo mais e a matemática, pronto, todas essas coisas. **Os pais dão sempre muito mais importância ao português, à matemática e ao estudo do meio do que às expressões,** nós quando estamos a falar com os pais sobre as expressões e os pais, às vezes, parece que até nem dão assim muita atenção. Quando eu estou a falar do português, da matemática e do estudo do meio, eles perguntam porquê que isto, porquê que aquilo, porquê que ainda não aprendeu assim... acho que ainda não são suficientemente valorizadas, as expressões.

Então, sente alguma pressão por parte dos pais?

Sim, existe alguma pressão por parte dos pais ao nível destas três disciplinas, do português, da matemática e do estudo do meio, das expressões nem tanto, das expressões eles não ligam tanto e deviam ligar, **porque nós não sabemos o que é que estas crianças no futuro vão ser, não sabemos.**

Apêndice D - Transcrição do Discurso III

Bloco B: Caracterização do entrevistado

- *O que pode dizer-me sobre si?*

Resposta:

Tenho 34 anos. Fiz uma licenciatura no 1.º Ciclo do Ensino Básico na ESEC em Coimbra. Estive já na João de Deus e na Bissaya Barreto, os dois em Coimbra e estou aqui no Colégio do Sagrado Coração de Maria há 11 anos. No total, 13 anos.

Bloco C: Importância e influência das Artes/Expressões, em especial, da Expressão Plástica

1. *Qual a importância das artes/expressões na sua pedagogia/metodologia?*

Resposta:

Eu neste momento estou com o 1.º ano, por isso, sem dúvida nenhuma a expressão plástica é mais do que fundamental. Aliás, acho que todas as expressões são essenciais e **eles aprendem muito mais quando fazemos algo lúdico, quando fazemos algo que eles possam manusear, manipular, mexer, do que quando estamos simplesmente a falar para eles e aprendem muito mais também uns com os outros.** Muitas vezes, uso e abuso da expressão plástica. Gosto muito de fazer trabalhos manuais, **uso muito origamis, plasticinas, agora com o 1.º ano para fazerem letras, o desenhar a letra na areia.** Como o 1.º ano não sabe ler nem escrever no início, **usamos muito o desenho, a forma de pintura, de escultura, neste caso, modelagem, para eles poderem expressar-se, o que pensam sobre aquele assunto, como é que eles viram aquela história, como é que a interpretaram.** Não só a expressão plástica, todas as expressões. Utilizo muito a expressão musical e a expressão dramática. No 1.º ano, isso funciona muito bem. Para ensinar uma letra, eu faço sempre uma história com um animal com essa letra e utilizo um adjetivo e eles é que fazem o teatro. Eu vou contando a história, vou escolhendo os alunos, eles fazem esse teatro e em seguida fazem um desenho sobre a história que ouviram e vão logo escrevendo as palavras que já sabem escrever, daquelas personagens. Acho que é muito importante estar sempre tudo interligado e acho que as expressões dramática, plástica e musical são todas transversais, ou seja, nós podemos trabalhar tanto o português, a matemática, como o estudo do meio e a cidadania sempre com as expressões.

Tenho um exemplo de como tudo se interliga tão facilmente. Nós fomos a uma visita de estudo e vimos um arco-íris e houve um miúdo que perguntou “Professora, como é que se forma um arco-íris? Porquê que aparecem as cores no céu?” e eu disse que era um bom projeto para fazermos no colégio. Depois chegámos ao colégio e nas semanas seguintes fizemos imensas coisas sobre isso. **Fizemos experiências, portanto passámos para as ciências, para o estudo do meio e fomos buscar um prisma ao laboratório onde fizemos uma experiência para eles verem como funcionava a refração da luz. Fizemos trabalhos de expressão plástica em que construímos um arco-íris, cada um deles fez uma nuvem e construiu um arco-íris, na cidadania e desenvolvimento escrevemos em cada cor uma qualidade deles, criámos uma história a português em que eles fizeram uma banda desenhada em grupo sobre uma aventura num arco-íris. Na matemática falámos nos amigos do 10, porque através do arco-íris dá precisamente para ver que uma cor começa no 10 e acaba no 0, a outra começa no 9 e acaba no 1.** Portanto, fizemos ali uma série de trabalhos. Eu acho que isto é que é importante no 1.º ciclo, aliás, é isso que o 1.º ciclo tem de bom em relação aos outros ciclos, onde isto já não é tão fácil de acontecer. Se bem que **com o novo decreto** está a acontecer muito, **sentiu-se essa necessidade de intercalar as diferentes disciplinas e perceber que o saber não é estanque** e não é “o português serve só para o português e mais nada”.

2. *Qual das expressões trabalha mais? Porquê?*

Resposta:

A expressão plástica, porque é aquela que se trabalha mais facilmente. Também pelas condições que temos, com 26 alunos é sempre complicado metê-los todos a fazer um teatro, por exemplo. Nós agora e principalmente mais no início do ano, até porque até aprenderem a estar sentados era complicado, **íamos muitas vezes lá para fora** para darmos o interior, o exterior, a fronteira, a direita, a esquerda. Pegámos nos arcos de educação física do ginásio, fomos lá para fora para o recreio e estivemos a brincar. Eles a entrar no interior do arco, a sair, a ir para a direita, para a esquerda, **isto sem ser na aula de educação física. Também vamos muitas vezes para a biblioteca**, não pode ser quando queremos, porque pode estar ocupada, mas nos horários em que não existe nenhuma turma reservada, podemos ir. Ao lado temos **a sala dos jogos matemáticos**, que também costuma estar livre e que também usamos várias vezes.

3. *Através de que instrumentos e/ou atividades as expressões, em especial, a expressão plástica são implementadas na sala de aula?*

Resposta:

Utilizamos muito a plasticina, muitos tipos diferentes de papel. Agora estou a dar as letras e dou-lhes sempre, no fim de contar a tal história, um papel que tem a letra minúscula e a letra maiúscula em manuscrito e **eles têm sempre que enfeitar essa letra com diferentes materiais, já fizeram com folhas de árvores, com plasticina, com brilhantes,** com muita coisa mesmo. **Pegamos em materiais do próprio dia a dia deles.** As **folhas de árvore,** por exemplo, foi uma visita de estudo onde fomos em que eles apanharam as folhas de outono do chão e nós aproveitámos, partimos em bocadinhos e eles estiveram a enfeitar a letra. Vamos agora fazer uns **rolos para a leitura,** com rolos cortados com tiras mais pequeninas, **vão-se rodando as sílabas para eles formarem palavras.** São eles que andam a trazer esses materiais. Agora estão a trazer também umas **tampas de plástico** para construirmos um **jogo do galo.** Uma parte vai ser construída juntamente com a professora de expressão plástica e a outra parte vai ser em sala com os pais. Nós aqui no colégio também **temos muitos benefícios,** porque **temos muitos materiais à nossa disposição** e sei que às vezes não é assim tão fácil. **Temos imensos tipos diferentes de papel, plasticina, tintas, barro, massa de modelar, vamos utilizando uma série de materiais, outros também que eles vão trazendo de casa e que vamos pedindo.**

4. *O que aprendeu com as aulas lecionadas pelos professores das áreas de expressão, no sentido de melhorar a metodologia nas diferentes áreas curriculares?*

Resposta:

Eu acho que aprender, aprendemos sempre, há sempre técnicas e coisas que vamos aprendendo. Por muito que às vezes possamos não concordar com esta ou com aquela forma de trabalhar, nós aprendemos sempre e penso que **as aulas de expressão plástica,** mais particularmente, **são muito importantes para a organização, para eles aprenderem a organizar a sua mesa de trabalho.** Ainda no outro dia eles estavam a pintar uma imagem e **lembrei-me de uma técnica que a professora de expressão plástica tinha ensinado ao meu grupo anterior, de afiar o lápis de cera e depois eles com o dedo esborrataram e assim fizeram o fundo da imagem deles.** A minha professora de expressão plástica deste ano não desenvolve muitas coisas com eles e nós sentimos essa necessidade e acabamos por fazer muita

coisa em sala de aula. Lembro-me que no grupo anterior, por exemplo, trabalhámos os pintores. **Falávamos da vida e da obra deles e depois tentávamos sempre retratar um quadro desse pintor e tentar ser fiéis ao quadro que ele fez, mas depois fazíamos o nosso próprio utilizando a técnica dele. Eles aí aprendem não só técnicas de expressão plástica, mas também cultura geral, que é importante nestas idades.** Fizemos muitos textos biográficos devido a isso, falávamos sobre a vida deles e eles depois escreviam um texto biográfico. Na arte, dá para pegar em imensa coisa e partir daí para a matemática e para o português. Nós tivemos até uma visita de estudo, no 3.º ou no 4.º ano, que falava sobre a matemática na arte, na Gulbenkian, e que mostrava mesmo que em tudo o que é arte a matemática está presente e não só em figuras geométricas, mas mesmo a própria fixação que os artistas têm com os números.

5. *Quais as aprendizagens que considera que as expressões, em especial a expressão plástica, potenciam?*

Resposta:

Muita coisa mesmo. **A criatividade é aquela que salta logo à vista, que os ajuda a ver as coisas de maneira diferente, até porque hoje em dia o próprio ensino está muito pré-formatado, “é assim, temos de seguir esta regra”.** Na matemática, por exemplo, é mais normal, porque é uma área mais exata e sendo uma área mais exata eles têm de seguir muitas vezes aqueles passos, mas é uma área que, apesar disso, também exige alguma criatividade. **Na resolução de problemas, por exemplo, eles têm muita dificuldade. A expressão plástica ajuda muito nisto também, o facto de ser uma expressão palpável, que eles conseguem ver e transportar para o dia a dia e para estas questões na matemática.** Muitas vezes aquilo que fazemos, principalmente no 1.º e 2.º anos, **a resolução de problemas não precisa de se centrar tanto nas contas, pode ser também através de gráficos, esquemas, desenhos** e nisso a expressão plástica ajuda muito. Ajuda muito na **motricidade fina**, como é óbvio, **o recorte, o escrever, o traçar.** Ajuda muito também ao nível da **memória visual, existem muitos miúdos (e graúdos) que muito mais facilmente decoram coisas visualizando, do que apenas ouvindo.** Na grande maioria, penso que a memória visual é aquela que mais se destaca. **O sentido de espaço, organização espacial.** Vê-se muito no 1.º e 2.º anos, mas não só, que eles **têm muita dificuldade em organizar um texto e o começar a escrever, perceber que é da esquerda para a direita** e fazem muito esta confusão. Quando dizemos “ponham no centro da

folha”, eles escrevem no canto e tudo mais. Se for bem trabalhada, a expressão plástica é muito importante nisto. É a parte do demonstrar aquilo que estamos a falar, **muitos dos conteúdos que abordamos são muito abstratos para eles e a expressão plástica, o desenho, o visual permite transformar em prática aquilo que estamos a falar e depois é tudo muito mais apelativo.**

6. *Na sua opinião, as artes/expressões, em especial a expressão plástica, são importantes e influenciam o processo de aprendizagem das crianças? Porquê?*

Resposta:

Sem dúvida alguma, eu acho que influenciam e muito. **Eu acho que eles aprendem muito melhor com materiais, sendo eles a manipular, sendo eles a construir, a fazer, do que simplesmente a ouvir ou a fazer uma ficha. Se forem eles a construir**, como o exemplo que falaste da maquete, **é algo muito mais palpável**. A matemática é fundamental, em termos de medições, figuras geométricas, frações, dá para trabalhar logo uma série de coisas. Eu lembro-me que **no meu grupo anterior, no 1.º ano, lemos a história da gotinha de água e a partir disso fizemos imensas coisas e falámos logo no ciclo da água, que é uma matéria muito mais avançada**. E depois, quando de facto chegámos ao ciclo da água, **no 3.º ano, eles ainda se lembravam do que tínhamos falado no 1.º ano. Precisamente, porque construíram coisas, fizeram experiências**, depois até escreveram um texto numa gota de água e **fizemos um mobile. Eles lembravam-se, essas coisas eles fixam e ficam na cabeça deles**, portanto acho que é fundamental. Qualquer uma das expressões é importante para este tipo de aprendizagem. A educação física se calhar é a mais difícil de interligar aqui, mas ainda assim é possível. O ano passado nós fizemos isso, quando estávamos a dar o corpo humano, na educação física, o professor esteve a falar-lhes nos músculos todos e nos ossos e na maneira como mexemos o corpo, portanto é muito possível e faz todo o sentido haver essa ligação. E ainda bem que estão a passar isso para os outros ciclos. Quando o ano passado nos falaram nisto das DACS, de nós termos que fazer interdisciplinaridade, nós dissemos “então, mas nós já fazemos isso todos os dias”. O que é difícil é depois ir para a formalização, preencher a papelada toda e fazer esquemas. Agora, nós já fazemos isto com muita naturalidade no dia a dia, mas por exemplo eu tenho um horário estipulado, mas quer dizer... não o sigo. Aliás, eu tinha um miúdo que no início do ano já lia qualquer coisa e dizia “agora é português, devíamos estar a fazer português” e eu dizia “está bem, não te preocupes com isso agora” (risos), porque não me faz

sentido ter um horário no 1.º Ciclo assim tão estruturado e nós vamos interligando muito. Até porque, na minha opinião, a matéria de estudo do meio no 1.º ano fica muito aquém e eu, por exemplo, peguei no arco-íris, não tem nada a ver, mas acabámos por falar na refração da luz e noutros conceitos, porque a matéria é muito à base de “qual é a tua cor preferida?”, “qual é o teu animal preferido?” pronto, não tem muito “por onde se lhe pegue”. E eles já sabem aquilo, já sabem bem e então acho que é importante eles conseguirem “saltar” para fora disso e acho que as expressões ajudam muito nesse aspeto.

Apêndice E - Transcrição do Discurso IV

Bloco B: Caracterização do entrevistado

- *O que pode dizer-me sobre si?*

Resposta:

Tenho 61 anos. Quanto à minha formação académica, comecei por tirar um bacharelato em Conservação e Restauro de Bens Arqueológicos e Etnográficos. Mais tarde, fiz uma licenciatura em Artes Plásticas - Pintura na Faculdade de Belas Artes da Universidade de Lisboa. Profissionalizei-me em Artes Visuais pela Faculdade de Psicologia e Sociologia das Ciências da Educação da Universidade de Lisboa, agora Instituto de Educação da Universidade de Lisboa. E tenho cerca de 20 anos de serviço como docente no ensino oficial.

Bloco C: Importância e influência das Artes/Expressões, em especial, da Expressão Plástica

1. *Qual a importância das artes/expressões na sua pedagogia/metodologia?*

Resposta:

Sendo professora de Artes Visuais (grupo 600), direcionada para o ensino do 3.º CEB e do secundário, é-me necessário trabalhar, essencialmente, com os conteúdos pedagógicos adjacentes às artes, no plano teórico e prático, de acordo com a programação pedagógica. Sempre que me é possível, tenho privilegiado a área plástica, revestida de **criatividade**, pois considero que **a arte nas diversas expressões é uma mais valia na pedagogia da educação**. Sendo ela **um veículo extremamente rico para o desenvolvimento cognitivo e terapêutico, na medida em que se proporciona uma maior amplitude de conhecimento capaz de mobilizar outros saberes**. Como metodologia utilizo, na maioria dos casos, a interdisciplinaridade aliada às artes. De preferência, quando leciono no 3.º CEB, e é possível. **Estabeleço extensões entre os conteúdos pedagógicos do programa de Educação Visual e os de outras disciplinas**, podendo ser com o de Ciências Naturais, o de Físico-Química, o de Matemática, o de Português, etc., que estão a ser transmitidos no mesmo ano de ensino, com o objetivo de mais rápida e melhor aquisição. Também para que **os alunos se consciencializem que na vida não existem compartimentos estanques e que possam associar e correlacionar o conhecimento de uma forma natural e espontânea com o que os rodeia, de acordo com os seus pensamentos e práticas no seu quotidiano**.

2. *Através de que instrumentos e/ou atividades as artes/expressões, em especial a expressão plástica, são implementadas na sala de aula?*

Resposta:

Nas minhas aulas não só se praticam expressões plásticas, como o **desenho e a pintura**, como também utilizo outras formas de expressão artística, sendo elas: **a gestualidade, a performance, o teatro, a música, a fotografia**. Utilizo também outras formas de expressão quando a matéria o possibilita, como por exemplo, o visionamento de filmes relacionados com a matéria que poderá ser transmitida, e que possam por eles extrair correlações com os conhecimentos adquiridos e daí várias formas de expressão e representação. **Penso que estes métodos os desperta de uma forma aliciante, ativa e imediata, para que se concentrem e interajam inteligentemente numa prática participativa**, absorvendo o conhecimento numa atitude leve e construtiva, **de uma forma mais colaborativa e didática**. Se o espaço o permitir, **a disposição das mesas e cadeiras na sala de aula poderão ser em U**, de modo a que os alunos estejam ligados lateralmente uns aos outros e que usufruam de uma disposição mais assertiva na observação, **estando melhor dirigidos para as suas atividades práticas**. Ao contrário do que se pode comprovar nas plantas instituídas classicamente, com o professor numa posição impositiva e distante do conjunto compacto da turma. Deste modo, **tornar-se-á mais fluida a mobilidade do docente, pois a sua deslocação tornar-se-á espacialmente mais liberta, estabelecendo-se um apoio rápido e direto, cuja comunicabilidade estabelecer-se-á com maior eficácia**. O facto de desenvolver exercícios de Educação Visual nos quais se tenham diversos conteúdos pedagógicos em cada exercício, em vez de um só, é também uma forma muito pedagógica, que constato muitas vezes, na medida em que se diminui a quantidade e se ressalva a qualidade, pelo que a transmissão de conhecimentos não se torna maçadora, abraçando assim um maior e mais rápido leque de conhecimentos.

3. *Quais as aprendizagens que considera que as artes/expressões, em especial a expressão plástica, potenciam?*

Resposta:

A expressão plástica tem a capacidade de potenciar qualquer aprendizagem, desde que se estabeleçam analogias entre as duas ou tornando-se ela mesma um veículo de transmissão. Para isso, **o docente tem que usar a imaginação** e encontrar linguagens capazes de se revestir, por vezes, em metáforas **para chegar ao entendimento do nível etário dos**

discentes e os entusiasmar para o conhecimento. Na minha experiência, tenho constatado que **os alunos, no geral, trazem uma grave deficiência adquirida nos primeiros anos de aprendizagem. E quando é necessário criarem e moverem-se em representações abstratas, deparam-se presos a um medo que os impossibilita de se libertarem expressivamente.** Isto deve-se a um estilo de ensino, quanto a mim, redutor, que consiste na imposição de modelos realistas da lógica observada.

4. *Na sua opinião, as artes/expressões, em especial a expressão plástica, são importantes e influenciam o processo de aprendizagem das crianças? Porquê?*

Resposta:

Sim, claro. Nos primeiros anos de escolaridade, ao contrariarem uma criança, que ao desenhar e pintar um sol azul ou um céu verde lhe é transmitido e corrigido para as formas e cores reais da natureza, está-se-lhe a roubar a capacidade de sonhar e criar no tempo próprio e nobre da sua existência. Toda essa metodologia leva a um atraso no seu desenvolvimento, impedindo o percurso inteligível do conhecimento, pois irá comprometer a aquisição da aprendizagem gradual ao longo do percurso escolar. Surgirá, a seu tempo, no seu processo de crescimento, a identificação real do meio em que se inserem, e daí serão eles próprios a aperceberem-se de como é apresentado visivelmente o mundo que os envolve. Caso contrário, **castrando a criatividade das crianças nas suas primeiras expressões, aprendem a pensar e a expressar-se numa diretiva fechada e comprometida com uma realidade superficial numa pedagogia limitada.** Consequentemente, mais tarde, pode verificar-se que, nos ciclos posteriores de escolaridade, em muitos dos momentos em que é necessário criarem algo, tanto a **nível do desenho e da pintura, como na forma em que se exprimem verbalmente, os alunos ficam bloqueados, pois não lhes foi permitido, ao longo do tempo, o desenvolvimento da criatividade e liberdade de expressão na representação dos seus sentimentos e emoções.**

Como docente e na experiência que tive até agora no ensino, faço a apologia de um ensino primário apetrechado de muita pedagogia assente em várias vertentes da arte, línguas e desporto, não negligenciando outras disciplinas como as letras e ciências. Embora seja particularmente da opinião que se deveria repensar num currículo regular para o 1.º ciclo adaptado à nossa era, com programas não tão intensivos, mas moderadamente inteligentes para

combater determinados défices e enriquecer os conteúdos que se estão a perder, sendo eles as Artes, tão importantes para o desenvolvimento cognitivo e identitário do homem de amanhã.